





POESIAS

82

João de Abaim.

1601/164

O LIVRO DA MINHA ALMA.



POESIAS

DE

João de Aboim.

VOL. I.

O LIVRO DA MINHA ALMA.

RIO DE JANEIRO

1849.



TYPOGRAPHIA DE M. G. S. REGO.

Rua das Violas N.º 37.

ros do Mondego; e quem sabe se já nos teremos sentado ambos á sombra da mesma arvore! Tu viste o meu Tejo confidente dos tempos felizes da minha infancia, e receptaculo de meus soffrimentos. Quem sabe se á mesma hora em que tu sobre o teu morro de Corcovado tens olhado as bellezas da tua terra, estendido a perder de vista por esses mares, eu no penedo mais illevado da serra da minha Cintra estaria tambem olhando para as bellezas da terra onde nasci. Abriste-me os braços, e é a ti que eu entrego este livro, o da minha alma, e em grande parte as paginas dispersas do livro da minha vida: é sobre elle que eu te peço a tua opinião franca, leal, como a opinião do poeta de hoje.

Ainda eu sou do tempo em que, quando se queria metter a ridiculo um homem, chamavão-lhe — poeta — e era uma boa loucura, e ainda ha disso, porém menos; ainda ha disso agora que a poezia livre de todas as ficções do paganismo, chama a tudo pelo seu nome, e falla à todos, linguagem do coração,

agora que a poezia não é somente uma ideia para o espirito, um sentimento para a alma, uma imagem para a imaginação, antes uma missão para o poeta, uma falla que hade civilizar o mundo ; agora que a poezia, como diz Lamartine:

Aurá d'ici là des nouvelles— de hautes destinées a remplir !... Qu'importe.

E' a ideia da mocidade deste seculo a civilização, por isso crê e prega suas crenças sem mêdo, por isso falla com este fallar mysterioso que Deus lhe concedeu para convencer encantando.

Julguei dever fazer o offerecimento deste livro ás Senhoras Brasileiras como verás na introdução.

João d'Aboim.

AMIGO.

LI o teu livro como se lê as cartas d'um viajante, que nos discreve os lugares por onde um dia passamos na vida. Os mais alegres annos da minha juventude correrão-me em Portugal, — lá me ficarão amigos que me peza de ter deixado talvez para sempre ; e não sem saudades me posso agora recordar dos sitios que vi , das pessoas que amei e da terra que me foi como uma segunda patria.

Em quazi todas as tuas paginas encontro estas recordações,— e o teu livro tambem para mim é o livro da minha alma. Simpathizei com elle como simpatizo com todos os sentimentos do poeta, com todos os soffrimentos da humanidade — sejam quaes forem.

Triste foi o teu fado, por que é sempre triste o desterro com a dor de quanto perdemos na patria, o que ainda mais avulta com a incerteza do que havemos de encontrar por terras desconhecidas. E' triste para aquelle a quem uma vaga inquietação e ardor nunca satisfeito leva pelo mundo peregrinando, mais triste para o que irritado contra a ordem de

coizas que observa — talvez injusta — se vê depois obrigado a fugir dos seus como de inimigos, e a procurar longe da patria o asilo que ali se lhe nega ; — dolorosamente triste para o poeta, que menos devera sentir esta separação, se os soffrimentos que ali passamos não fosse motivo mais forte para a querermos cada vez mais.

Não creio no azar ; — não creio que essa longa e desgraçada familia dos poetas tenha sido desgraçada por capricho de uma inexplicavel fatalidade : não. Collocados no auge das graças humanas, ou vivendo n'um pobre e miseravel tugurio, — com todos os bens que para a maioria dos homens constituem o que se chama felicidade, ou esmolando o pão da caridade — serão sempre e eternamente desgraçados. De uma natureza mais delicada, mais sensivel, mais profundamente impressionavel, são capazes de prazeres que o vulgo não comprehende, de alegrias immensas e indefiniveis, de extasis que parecem loucura commum dos homens, de assomos de cholera

MEU AMIGO.

Se algum dia saíste da terra onde nasceste, apertaste em teus braços e misturaste prantos com todas as tuas afeições mais caras, se já viste fugirem a teus olhos a misturarem-se com céu e nuvens os ultimos torrões da tua terra natal, e vir depois a noite, e acordar apoz ella d'um dormir incerto, e ver a amplidão do Oceano, e o céu que nos cobre; havias de sentir como poeta que és, e poeta do coração, com os olhos fitados para o lado da tua patria, qual é a saudade que nos fica ali.

Contudo nesse infinito Oceano que se passa, no mar que ora ruge violento, ora se aliza desdobrando-se como um immenso lençol, no céu ora nublado, ora manto azul recamado de luzes, nessas horas de melancolia e tristeza profunda em que o sól vae mergulhar-se no Oceano com seu docel de mil cores, na luz inspiradora do meigo astro da noite, ha mais poezia, ha mais crença do que no bulicio continuo das cidades, do que no prazer da vida domestica. Se neste mundo existe al-

guem para quem a saudade seja uma melodia intima, o amor uma necessidade, a vida um misterio, é o poeta : nasce fadado para amar, soffre já em tearos annos, porque o espaço do corpo do homem é pequeno para a sua alma,—cresce, e identificado com o soffrimento, precisa até as vezes de soffrer,—morre e morre ainda amando, amando no ultimo quartel da vida: á beira do sepulcro, o poeta ama, ou odeia; não despreza nunca, e porisso eu amo tudo que é poeta.

Ao sahir da minha terra, recebi o adeus de todos os meus e quazi todos os teus amigos, poetas de hoje, todos jovens, todos inspirados, muitos já com um nome illustre, recebi delles os ultimos productos da sua imaginação ; tive tenção de os publicar a mais de duas mil leguas longe delles, porém a — *Lizia poetica* — já o tinha feito em parte, e o resto que me ficava não era bastante para um volume, como o que no meu prospecto annunciei com o titulo—*Echos da minha patria*—offerecido á mocidade Brasileira —

Eu julgo a mocidade a mesma em toda a parte do mundo, é a geração nova surgindo profetica e cheia de crenças sobre as ruínas da geração que passou, é o talento, é a intelligencia que se une por toda a parte abrindo o caminho do futuro.

Eu creio do fundo d'alma na mocidade intelligente deste seculo, amo a minha patria como verdadeiro portuguez que sou, nenhuma terra acho tão bella, por nenhuma a trocaria, que tenho até ciumes s'imagino maior bellezas nas outras ; amo a minha patria, e para amigo meu não quero quem não ame a terra onde nasceu ; e contudo já m'agastei muito com ella, cobri-a d'improperios, mas quando a vi do Oceano a fugir a meus olhos, chorei, e vi que o que eu tinha dito, era o effeito d'uma suspeita de namorado, que ella já me perdoou.

A mais de duas mil leguas de tudo que me é caro, achei teus braços abertos para me receber, aqui na tua terra, debaixo do sol dos tropicos, onde a natureza é sublime, onde

a vista se perde nesses campos e montanhas de verdura, onde a imaginação pára por inspiração de mais, em frente da altivez de seus morros de granito, onde o gigante de pedra dorme socegado com a segurança do futuro venturozo deste paiz nascente, onde o teu Guanabara quasi sempre tranquillo dá vida e frescura ás praias, serpenteia em torno de uma imensidade de ilhas.

Abriste-me os braços, e assim devia de ser; ambos temos passado na vida, ora por uma estrada de flores, ora pizando as urzes das montanhas ; ambos temos seccado prantos á força de cantar, ambos temos cantado sem aviltar nossos cantos.— Deus — Patria — amor, eis o que eu tenho lido em todos os productos da tua imaginação de poeta:— Deus — Patria — amor, eis o assumpto de meus pobres versos. Foi neste sólo onde bebeste as primeiras inspirações da poezia que ergueste teus bellos, e melodiosissimos cantos ao som do Guanabara, mas tambem cantaste recostado, á sombra dos choupos e salguei-

imprudente e irresistivel, e de dores tão violentas que os outros nem as sentem, nem as podem adivinhar. Precisão de soffrer como outros de gozar; por isso o mundo que os so pragueja e amaldiçoa não faz talvez senão cumprir os designios d'aquelle que só para is-os parece ter criado : cortão-lhe até a mais intima das fibras do coração, como com as arvores balsamicas se pratica, para que deitem rezina mais preciosa,— cegão-n'os para que cantem com mais doçura,— martyrisão-n'os para que, resumindo nos seus cantos o que todos juntos padecem, tenham consolação para todas as lagrimas e balsamo para todas, as chagas.

Assim, amigo, consola-te: a patria do poeta é o universo e todos os homens são seus irmãos. Onde quer que os arrogem as ondas do seu viver procellozo hão-te sempre encontrar a natureza, que para ninguem é madras-ta, que a todos pertence, mas de que só os poetas sabem gozar. Não sou o primeiro que o digo ; a sorte que á muitos delles negou a

sombra de um arbusto onde podessem fazer os membros fatigados do cansaço, ou uma pedra onde repouzassem a cabeça escandecida, deo-lhe em dadiua a amplidão do espaço por onde vagão livres com a imaginação criadora: deo-lhe ainda mais que das raías do possivel, onde os heroes baqueião, levantassem o vôo altaneiro para conquistar e povoar as regiões mysteriozas do infinito. Liberdade e solidão— eis as duas unicas condições da sua existencia : por isso tambem não ha força que os possa despojar de uma ou de outra. No calabouço, entre ferros, clausurados por toda a vida são livres, são ainda poetas. No tumulto das cidades, no estrepito das armas,— no dezerto ou no povoado, na paz ou na guerra— vivem sós, por que a sua vida é o coração.

Mas se em qualquer parte terias encontrado outra patria, se em todos os homens terias achado irmãos, nenhuma outra nação te poderia ser menos penozo desterro do que esta, que está cheia da lembrança dos teus ; —

nenhuma outra gente que mais ames depois da tua do que esta, que tendo a mesma origem e fallando a mesma lingua, e apezar dos tempos e das circumstancias, abrem hospitaleiramente os braços para nelles receber a industria e a illustração, donde quer que venhão e quasquer que sejam : por que neste abençoado paiz em que vivemos, ha espaço para todos e ainda para os poetas.

Possas tu progredir na empresa que tão felismente começaste, e receber dos meus compatriotas o bondozo acolhimento que me fizeram os teus irmãos de Portugal.

28 de Fevereiro de 1849.

A. Gonçalves Dias.

INTRODUÇÃO.

Oh sexo encantador! é meigo, é bello
Teu divino sorrir, é mago, electrico,
De tua voz o som,— delirios d'alma,
Em volver d'olhos teu, prestes nos manda.
Oh sexo encantador, eu te saúdo :
A ti os versos meus, a ti meus cantos!...

Quer te eleves ufano e radiante,
Em throno de cadav' res de mil vates,
Quer busques seductor n'um peito amante,
Um degrau novo p'ra subir ao solio ;
Quer nos olhos mortaes eu te devise
Momentaneo sentir d'amor em fogo,
Quer finjas esse amor á flor dos labios,
Quer te revista o lyrio da innocencia,
Quer desabroxes como flor no prado,
Lançando effluvios de suave aroma ;
Os meus cantos são teus ; amo-te sempre.

Amo-te, oh sexo, poesia adora-te,
Deve-te muitos sons, muitos encantos,
Muitas inspirações ! Que o diga o echo
Nos rochedos de Cintra inda ensinando
O nome de Beatriz ; ouve-se ainda,
De noite, quando a lua vaga ufana
Engastada em azul no espaço immenso,
Uma voz de saudade inda sentida
Do poeta infeliz morto d'amores.

O nome de Natércia repetido
Nos longos areacs d'Africa ardendo,
Inda vem murmurar, de noite, sempre,
Nas horas mortas do calmozo Junho



No silencio do Tejo! O echo surdo
De terra em terra transportando á Patria
Na lyra do cantor o nome della.
Alem nos lindos campos de Ferrára
O nome de Leonor, e a voz sentida
Do cantor de Clorinda inda s'escuta.
Do cisne carpidor, honra do Tibre,
A fonte de cristal repete ainda
De Laura o doce nome armonioso
Na soidão de Vanclusa, á voz d'um vate.
Amo-te, oh sexo,— poesia adora-te,
Concede-te seus dons, da-te seus mimos,
Ou serás tu acazo a flama ethérea
Que ao triste trovador arde na fronte ?...

Estas trovas singelas que hei cantado,
Na senda do viver passando triste,
Tu m'inspiraste só. — Aos meus delirios
Presidindo a sorrir olhei-te sempre ;
Meus prantos sempre teus, minhas venturas
Hão brotado de tí. Se tu não foras,
Ermo triste julgára o mundo inteiro.

Mulher, anjo na terra, eu te saúdo !
Por ti meu sentimento hei conhecido,
Por ti olhei a flor solta nos campos,

Com a lua conversei, pedi-lhe os brilhos,
A' aurora me sorri, fallei ás ondas
A' beira do Mondego e junto ao Tejo.

Por ti ao pôr do sol tive saudades,
Subi aos montes, meditei no mundo,
Viva crença por ti conservo n'alma.

Mulher, anjo na terra, eis os meus cantos !
Bellas filhas gentis do Guanabara,
Reccebi os meus ultimos suspiros ;
Bondoza escutaes meus versos tristes.

O sol ardente deste lindo sólo
Deve ardentes tornar as almas todas ;
Seus montes verdes topetando os astros-
Erguer a mente aos vôos mais altivos
Do vago imaginar entre os misterios !
E vós, que de manhã sorrís á aurora,
Que as ondas podem, incansaveis sempre
Melodias levar dentro a vossa alma,
Vós que olhaes o gigante envolto em nuvens
Ou do ceu limpo destacar cinzento ;
Vós que á sombra fermoza das palmeiras
D'aves saudozas escutaes os cantos,

Ternas filhas gentis do Guanabára,
Recebei os meus ultimos suspiros,
Bondoza escutae meus versos tristes.

Oh sexo encantador ! Se eu te hei amado !
Amei-te como a vida que a meus olhos
Risonha se m'abriu em tenra idade;
Mas trinta annos la vão, dentro do peito
Cançou-me o coração, morreu minha alma,
Vivi vida de mais em tempo curto,
A' força de sentir, amar não posso.
Oh sexo encantador, quero adorar-te,
Adorando o meu Deus na tua imagem,
Respeitoso e contricto ás tuas plantas.
Nos cantos que eu cantei mostrar-te quero
Na vida que passou qual foi minha alma.
Ternas filhas gentis do Guanabára,
Recebei os meus ultimos suspiros,
Bondoza escutae meus versos tristes.

1.º DE DEZEMBRO DE 1848.

AS DUAS FLORES.

NO ALBUM DO MEU AMIGO

Antonio Pereira da Cunha.

A' lira do triste que sons lhe ficarão ?
Saudozos suspiros de morta illuzão
Ao cisne do Lima que sons lhe fadárão ?
Sorrizos e beijos que os anjos lhe dão.

Existe em paramo triste
Uma saudade, no mundo
Traja de lucto, está só;
Se suspirasse!... profundo

Seria seu suspirar.
A verde esp'rança que tinha
De seu calice brotado,
Pallida, triste, pendida,
Parece quasi sem vida.

Vicija por entre flores
N'uma encosta de verdor
Nivea cecem, do candor
Da neve que se despenha:
Oh! quem ha hi que não tenha
Um coração para a amar,
Um hymno que lhe mandar
Em doces trovas de amor!

Oh! quem ousaria, tam louco, na terra
A flor da saudade p'ra si escolher.
Ao pé da açucena qual virgem que encerra
Ditoza alegria no ledó par'cer.

E vendo-a tão linda, qu'em prado de flores,
Qual bella entre bellas, alli sobresae
Qual vara fadada, — em sonhos d'amores
Das turbas, de todos as mentes attrae.

E a outra tam triste qual dama choroza,
Que esp'rança fagueira d'amor lhe finou,
Com véo d'amethista, na vida só goza
Um hymno da lira, que o ermo fadou.

Eu quero a saudade, que só no deserto
Nasceu, teve vida, cresceu, definhou;
Eu amo a saudade, que achei por acêrto
No resto da lira que o mundo quebrou.

Mas tu que és poeta, que vives e gozas,
Que amas e sentes, e sabes cantar,
Que tens lira d'ouro c'roada de rozas,
A nivea açucena tu deves amar.

A' lira do triste que sons lhe ficarão ?
Saudozos suspiros de morta illusão:
Ao cisne do Lima que sons lhe fadárão ?
Sorrizos e beijos que os anjos lhe dão.



UMA BORBOLETA.

Por que adejas assim, ligeiro insecto ?
Por que a deshoras vens, ao triste bardo
A mente perturbar ?
Devaneios d'amor aqui scismando,
Pensava a sós comigo ardendo em chamas ;
Eu quero o meu scismar.

Que me vens tu dizer, — Sybilla triste ?
Que seguindo essa luz que attrahae minha alma
Tambem heide acabar ?
Que em delirio, qual tu, eu tambem vago,
D'outro fogo divino embellezado,
Que assim heide finar ?

Tu dizes-me o que eu sei : — Sybilla ao bardo,
E' a alma de fogo, — a mente hardida,

O vago delirar :

Son louco qual tu és, e a vida quero
P'ra junto á minha luz, e em qualquer hora,
Poder a sós pensar.

Se eu já fui como tu, ligeiro insecto,
As paixões meditei, e posso agora

Comigo só lutar;

Rio sempre no mundo um rizo amargo ;
Mas nas sombras da noite, eu venho á lira
Meu pranto confiar.



DEVANEIO.

DOUS ESPECTROS.

A' luz mortiça de brandão funéreo
As campas dos finados se elevavão;
Dous corpos recebia um cemiterio,
E canticos de morte s'entoavão.

Um do valente, indomito guerreiro.
Que no campo de heróes perdendo a vida,
Mandára áquella que adorou primeiro
Um suspiro d'amor d'alma sentida ;

Outro corpo de um anjo inanimado,
Finado de saudade, e de ternura,
Era o teu, oh Palmira, que o destino
Te deu em verdes annos sepultura.

Pensando em seu amor, vida gozavão,
E a sorte feliz quizeram um dia,
Que os entes que na terra s'adoravão,
Baixassem d'uma vez á campa fria.

No silencio da noite em tardas horas,
Da terra revolvida
Espectro colossal surgiu da campa
Da campa ennegrecida !

E na louza de morte sentado,
Uma lira de pedra pulsando,
Com o craneo n'um cedro encostado,
Com a mente na terra pensando,
Soffre amor, tem ciume o finado !....

« Já não pensas em mim ? Teu lindo seio
« Por outro que não eu, terá pulsado ?
« Hirei teu somno perturbar, tornado

« Na figura d'um mocho escuro e feio ?
« Verei o teu dormir mais socegado
« Por meus tristes gemidos despertado ?...

—« Não verás, durmo a teu lado
« Somno eterno em terra dura : »
Fallar de virgem se ouvia
D'entro d'uma sepultura.

Depois ergueo-se um espectro
No banquear indicizo ;
Livida a fronte, o rosto desbordado,
E nos labios apenas um sorriso ;
Um sorriso d'amor d'alma tam pura
Que tam virgem baixou á sepultura.

Depois forão dormir o somno eterno,
E delicada flor,
Junto a louza da virgem, que na terra
Sentira tanto amor,

Brotou ao romper d'alva a mais fermoza ;
E não desabrochou !
Lá está em botão, seccou, e o seio
Ao mundo não mostrou !...

A MINHA SAUDADE.

Vive tu, que eu tambem vivo,
E por ti morro d'amores;
Solitaria te contemplo,
Que não gósto d'outras flores.

Nivea cecem mostre embora
Suas folhas de setim,
Eleve a fronte orgulhoza
A papoula de carmim.

Brilhe embora entre mil flores
Alva a roza no jardim,
Espalhe seu doce aroma
O voluptuozo jasmim.

Nenhuma dellas eu quero,
Que de ti só gósto, flor,
Minha saudade isolada,
Saudade de triste côr.

Eu te adoro a verde esp'rança,
A debil haste vergada,
Os dous tronquinhos nascentes,
Tua mudez inspirada.

Amo a terra onde nasceste,
Amo-te a face, mimoza,
Amo-te assim mesmo triste
Melancolica e viçosa.

Os teus encantos eu amo,
Triste, só, ou entre flores,
E's a fada solitaria,
Que sonhei em meus amores.

E's triste, mas primorosa ;
Mal haja quem te colher !
Se eu te colhesse, murchavas ;
Havias depois morrer.

Podia secca guardar-te ;
Mas isso de que valia ?
Secca a flor, mirrada a esp'rança,
Minha vida eu mais não queria.

Vive tu, que eu tambem vivo :
E por ti morro de amores.
Solitaria te contemplo,
Que não gósto d'outras flores. —



ENTÃO NÃO QUERO BRINCAR.

Se junto de ti eu tremo
E' que desejo dizer,
Couzas que dizer eu temo,
E que tu deves saber....
« Era pelo mez d'Agosto,
« Foi á hora do Sol posto...
« Eia pois vou-t'ó contar.
« Todos os cinco sentidos....
« Mas tu não prestas ouvidos !
« Então não quero brincar.

« Tu ris-te?... gosto d'um riso
« Roçando por labios teus ;
« Quando alegre te diviso,
« Eu sinto cousas dos céus.
« Não sei que tenho cá dentro,
« Que é tam bom. e tão violento ;
« Tenho medo de fallar : —
« La vai : — Quizera contigo...—
« Basta, se mangas comigo,
« Então não quero brincar.

— Tu córas?... côr tão fermosa
« Não tem a roza singela
« Quando s'ostenta vaidosa
« Por entre a silva mais bella ;
« Não tem o mar mais encantos,
« Não tem mais belleza os cantos
« Do mais sentido trovar !...
« Tu ris-te como perdida !...
« Aborreço a minha vida,
« Basta... não quero brincar.

— Se tu sentisses apenas
« Metade do meu soffrer,
« Se curtisses duras penas,
« Passando a vida a gemer ;

- « Soubéras que é um tormento
- « O primeiro sentimento.
- « Então estás a chorar ?...
- « Se entendes o que eu te digo,
- « Vem tu ser o meu abrigo,
- « Que já não posso brincar.



VERSOS ESCRIPTOS N'UM ALBUM.

EU SEI?...

Sei que teu genio delira,
Sei que pulsas triste lyra,
Sei que teu peito suspira.
Em funda meditação;
Eu diviso-te um receio,
Occultando o doce enleio,
Que te agita em terno seio
Uma doce sensação.

Eu sei que tens uma estrella
Que a julgas lusente e bella,
Que o fogo que nasce della
Te vai na fronte pouzar ;
Qual gêlo de serro altivo,
Um triste pranto furtivo
Por teu rosto pensativo
Tenho eu visto resvallar.

Quando vaga presurozo
Teu pensamento amoroso
Sobre o livro desditoso
Do poeta namorado,
Dessa fronte foge a calma ;
Que o martyrio tem a palma
No sentir nascido d'alma
Delirante e reservado.

Por que domina a tristeza
Ao teu corpo sempre preza
Das roupas na singeleza
Do teu escuro trajar ?...
Julgas do astro da vida
Linda a carreira seguida,
Estrella de luz perdida
No momento de passar ?...

Se os mares inda tem praias
Se os bosques inda tem faiàs,
Oh virgem ! por que t'espraias
Em funda meditação ?
Se o sol tem vivos fulgores,
Se a lua revela amores,
Se nos campos nascem flores,
Que mais quer teu coração ?...

Queres doce e ledo canto ?
Um sorriso em vez de pranto,
E por entre o negro manto
Da noite uma luz brilhar ?
Eu te dou minha alegria,
Pais não tenho uma harmonia
P'ra n'um canto de poesia
Tua alma alegre deixar.

Tempestade tem bonança,
Feliz vida dá lembrança,
A saudade dá esp'rança,
Ninguém deve entristecer ;
No mundo, tudo fenece,
O sentir d'alma adormece,
Mas tristeza permanece,
Dentro d'alma, sem morrer.

DESENGANO.

Desengano !... palavra mysteriosa
Som gelado e maldito que definhas
As meigas illusões que nesta vida
Alimento por querer... Oh desengano
Maldicção do meu Deus p'ra que tentaste
Nesta alma penetrar ?...

— Acaba tudo ! —
Tu bradaste no som que me congela,
— Acaba tudo ! — repetirão echos
Dos tumulos talvez ! Oh desengano,

Eu não quero findar, nem em minha alma
Sentir quero apagada aquella chamma
Dos meigos olhos seus, embora finde
Este corpo mortal; pertença á terra;
Mas esta alma morrer !... Durante a vida
No futuro olhar só o esquecimento,
Sem esperança e sem fé, oh desengano,
Que me resta depois ? quando o meu corpo
P'ra sempre repouzar ; virão os homens
Do mundo que odiei á lage fria
Com sorrizo d'escarneo inda insultar-me ?
E algum tempo depois, risonha, bella,
Virá essa que amei, que adoro tanto,
Que a vida me tirou, sorrir com elles,
Folgar, fallar d'amor nos braços d'outrem;
E vendo, e decifrando as letras negras
Do nome que foi meu. sorrir de novo ?
Ou insultar-me ainda n'um suspiro
Tão diff'rente dos meus, tão falso em tudo ! ?
Oh desengano atroz, deixa que eu pense
Devaneios d'amor, deixa-me apenas
Um momento se quer p'ra ver-lhe o rosto,
Fulga-lo inda uma vez face de um anjo.
Oh deixa... deixa-me ir sobre seus olhos
Uma vista sondar ; deixa-me ainda
Delirante rever nos seus cabellos,
Teia que m'involveu per toda a vida,
Que me deu no presente o soffrimento

Esp'rança no porvir ; deixa-me ainda,
Desengano cruel, sonhar venturas!
Oh deixa, deixa ainda que meus olhos,
Suas vistas pouzar vão sobre a fronte
A pedir-lhe uma só, uma palavra,
Do accento inspirador da voz divina.

Oh não me digas, não, que vem mentido
D'aquelles labios d'anjo o som fagueiro,
Que me revela amor ; oh não me digas
Que é falso o suspirar ! Dessa grinalda
De flores tão gentis, qual ja me forão
Antigas illuzões, oh deixa-me esta,
A mais linda, a melhor á que eu não posso
Desfolhada —no chão— olhar sem vida.

Dezengano cruel, peço-te agora
Poucos momentos mais em rogo extremo:
Deixa-me imaginar daquelle seio
No sobejo candor, no som vehemente
D'um terno coração que não despreza
O sentir, a paixão, que lhe hei votado.

Dezengano ! Fatal é a verdade
Da tua occulta voz, tiraste a vida
Ao pobre trovador ; vi sobre a terra
A ultima illuzão, a flor mais linda
Desfolhada cahir !...

Oh dezengano !
No mundo o que me resta ? não me dizes

Que o sentimento meu não tem um echo
Em peito de mulher?... onde heide achá-lo?
Que ente ha mais bello que a mulher! — E essa
Que em torturas d'amor matou minha alma.
Que eu vi... que eu adorei, que adoro, e vivo
Ouzei acreditar....

Eu quero a morte,
E sobre os ossos meus, escripto em negro:
— Em delirios d'amor baixou á campa !..
Ninguem reze por mim, mas se na terra
Algun amigo conservar do triste
Tenue recordação.... vá sobre a louza
Desfolhar-lhe uma flor, uma saudade !...

DO QUE EU GÓSTO.

Eu gósto dos olhos negros,
Que ao vê-los quasi morri;
Os olhos pardos eu amo
Como os della eu os senti ;
Olhos azues não desprezo,
Que por elles já soffri ;
Os olhos verdes adoro,
Fermozos, ternos os vi. —

Às côr dos olhos que importa
Privados d'animação ?
Verdes, pardos, azues, negros,
Que valem sem expressão ?
Eu quero os olhos que dizem
Segredos d'uma paixão ;
Eu amo os olhos que fallão,
Que vibrão no coração.

Gósto do negro cabello,
Que a noite me faz lembrar ;
Eu vejo nas tranças d'ouro,
Raios do sol a brilhar ;
Nos castanhos vejo os fructos
Do meu Tejo alem brilhar :
Dos cabellos todos brancos
Gósto, que os sei respeitar.

Que vale a côr, se os cabellos
Se vão lizos a correr,
Se brilhão n'um rosto lindo
Qual uma estrella a nascer ?
Se louros, negros, castanhos
Costumão, sabem prender ;
Se brancos, cauzão respeito,
Dizem, revelão saber. —

Da côr alva gósto muito,
Neve foi onde eu ardi :
Eu adoro a côr morena,
Ja por ella enlouqueci :
Eu gósto da boca breve,
Que só n'um bejo abrangi:
Gósto de tudo que é lindo,
De tudo bello que eu vi.



DUAS ESTRELLAS.

No céu recamado de luzes sem fim
Tenho uma luzinha, que um anjo me deu :
Librada no espaço, distante de mim,
Ha outra, que é delle, tam triste, como eu.

Nas horas mais tardas das noites d'estio,
Eu vi as luzinhas, ouvi-as fallar ;
Danil entre as aguas do patrio meu rio
Seu fogo mil vezes lhes vi retratar.

De noite, nas fragas lascadas dos mares,
Senti a tormenta na rocha bramir ;
Fitei os meus olhos n'um ceu de safiras
E a estrella eu vi delle p'ra mim a sorrir.

Seu fogo divino, que assim m'inspirava,
Por vezes brilhante nos ceus fulgurou ;
Mas nuvem maldicta que os ares toldava
P'ra sempre a meus olhos seu fogo occultou.

Vaguei depois disso nos campos sozinho,
Nem mais vi a estrella que o anjo me deu ;
Sentei-me nas rochas, andei sobre mares,
Fugiu-me dos olhos, perdida no céu.—

Perdi nesta vida viver inspirado,
Findou-me de vate celeste condão,
O mundo bradou-me com bafo gelado :
— Na terra que habitas é tudo illusão !—



O POETA E O REI.

CONTO HISTORICO DO 15.º SÉCULO.

Esse tempo é já passado,
Mas na Historia elle ha deixado
Saudade que se ha gravado
Dentro d'alma ao Portuguez !
Era um tempo bem ditoso:
Do Rei o povo orgulhoso
Chamou-lhe bom, venturoso,
Por couzas que o Rei lhe fez.

O Rei Dom João segundo
Largava em paz este mundo
Com sentimento profundo
D'um filho aqui não deixar:
De seu braço por victoria
Arzilla fica em memoria,
E á India, coube-lhe a gloria
D'abrir-lhe as portas por mar.

O filho de Dom Fernando
Empunhou o sceptro, quando
Em novo mar tremulando
Se viu de Christo o pendão.
Então a mente lh'inflama
Aquella nascente fama,
E p'ra India manda o Gama,
Do mar fero capitão.

D'alta gloria elle sedento,
Soltou a bandeira ao vento ;
Teve o arrojo, e o nobre intento
De novas terras transpor :
De Luzo tinha os ardores,
Trouxe á c'roa novas flores;
Que o diga o Rei dos cantores,
Que o diga o Adamastor.

D'Arabia a grande belleza,
Da Ethiopia a grandeza,
Da Persia a muita riqueza,
Tudo veio a Portugal !
No mar que uivava d'ufano,
No torrão Americano,
Linda perla no Oceano
Achou Pedr' Alv'res Cabral.

Ganhou o Rei mil thezouros,
Expulsou de todo os Mouros,
Mer'ceu cantares e louros,
Pae — o povo lhe chamou :
Foi o filho da ventura,
Teve morte prematura,
E jaz n'uma sepultura
D'um mosteiro que elevou.

Esse tempo é já passado !
Mas na Historia elle ha deixado
Saudade que se ha gravado
Dentro d'alma ao portuguez:
Era um tempo bem ditoso !
Do Rei o povo orgulhoso
Chamou-lhe bom, venturoso,
Por couzas que o Rei lhe fez. —

II.

Ora o rei tinha uma filha,
Maravilha,
Enlevo d'alma, e primôr;
E de Cintra n'um rochedo
Canta a mêdo,
Canta a mêdo um trovador.

Nesses cantos que sentia,
Envolvia,
N'um sudario o coração,
Por mui alto erguer amores ;
Que rigores,
Que rigores só lhe dão.

Era o mestre da princeza;
A grandeza
De sua alma lhe encarnou ;
Que por ser tãobem formada
Sepultada,
Sepultada a dôr deixou.

Tinha o rei a cr'oa de ouro,
E de louro
Só o triste a cr'oa tem:

Por isso reserva e cala;
Mas a falla,
Mas a falla aos olhos vem.

Em silencio o amor mais puro
Triste e duro
Quiz o fado aos dous impôr :
Tal respeito nelle havia
Que'inda via,
Que'inda via em tal amor.

Elle vive dos gemidos
Só ouvidos
Da serra na solidão :
Elle vive de seus cantos,
Que seus prantos,
Que seus prantos só lhe dão.

Solitario n'erma serra
Se desterra,
Só lhe diz o seu soffrer.
Como elle se carpia
E gemia,
E gemia, em que gemer !.

São do poeta os amores
Todos flores,
Que só nascem na soidão.
Deste em frente lhe passava
Uma lava,
Uma lava de vulcão.

Que poeta tão soffrido,
Tão mal qu'rido,
Da ventura e do amor !
Elle vive de cruezas,
De tristezas,
De tristezas e de dôr.

Elle canta !... mas nos cantos
Todos prantos
Cifra o triste o seu viver;
Elle sabe que partida
Alma e vida,
Alma e vida lhe vai ser !...

E não solta um grito irado
Desesp'rado...
E' poeta, e é christão !...

Alma nobre, não tem ira;
Mas suspira,
Mas suspira de paixão.

Tinha o rei a cr'oa de ouro,
E de louro
Só o triste a cr'oa tem.
Por isso reserva e cala;
Mas a falla,
Mas a falla aos olhos vem.

III.

Princeza fermosa, quem te ha desbotado
Das faces tão lindas o lindo rubôr ?
Pudibunda rosa, quem te ha maltratado
Ao sopro primeiro da vida na flor ?.

Princeza, por que meditas,
Olhos cravados no chão ?
Porque tuas tranças louras
Desalinhadas estão ?
Porque um sorriso de gozo
Não soltas do coração ?.

Porque uma lagrima triste
Por faces vem resvalar,
Qual per'la da madrugada
Vai no seio á flor seccar ?
Por que teu somno innocente
Já vem sonhos perturbar ?.

Princeza, por que 'stás triste
Saudosos cantos a lêr ?
Quem te deu esse livrinho,
Que te faz entristecer ?
Por que não brilha em teus labios
Um sorriso de prazer?...

Princeza fermosa, quem te ha desbotado
Das faces tão lindas o lindo rubor ?
Pudibunda rosa, quem te ha maltratado
Ao sópro primeiro da vida na flor ?

IV.

Foi seu pai, soube o que fez;
Foi seu rei, elle o mandou:
E qual da torrente á força

Haste mimosa dobrou,
Assim a nobre princeza
Do pai o qu'rer abraçou.

Naquelles tempos d'outr'ora
Nunca um rei ouvira — não.
Mas se a filha lho dissera,
Triste della ! por que então,
Não fôra pai, mas tyranno;
Havião dar-lhe razão !

Era do tempo o defeito
Que alguns sob'ranos perdeu,
Bem dito tudo julgavão
Bem dito só por ser seu ;
Era tudo aduladores,
S'inda os ha ?... não o sei eu.

V.

Déra ao duque de Saboia
A linda mão de Beatriz.
Chora a princeza em segredo,
Chora seu fado infeliz,
Mas ella adora o poeta,
Adora só, não o diz,

Foi seu mestre, fez subir-lhe
Como a delle, a alma aos Céus ;
Fez pairar-lhe a mente jovem
Nesses mysterios de Deus:
Ensinou-lhe a sentir muito,
A ter sonhos como os seus.

Virgem bella, tu não podes,
Tu não podes outro amar,
Quem um amor de poeta
Pôde entender, e sondar;
Se o deixa, é a florinha
A' força d'agua a dobrar.

Se o deixa, é a florinha
A' força triste colhida,
Que vai murchar n'um momento,
Que vai morrer resequida,
Sem ver aurora fermoza,
Sem ter um dia de vida.

Beatriz !... duro é teu fado !
Tua sina vai cumprir :
Negra senda do destino,

Ninguém te póde fugir !...
Princeza, leva o livrinho
Vai com elle a sós carpir.

« Menina e moça me levão »
Delle o livro assim lhe diz:
Que saudades não revela
Nesse trovar infeliz...
Que viver peor que a morte
O fado deixar-lhe quiz ?!



N'UM ALBUM.

Tu és anjo, mulher ; serás minha ;
Se és demonio, tambem serás meu :
Se na vida tu soffres, eu soffro ;
Se não gostas do mundo, nem eu.

Se do céu é tua alma, qu'importa ?
Ao céu posso, sem crimes, subir ;
Se do inferno, por ti criminoso,
Quero tratos contigo eurtir.

E' difficil, meu Deus, sobre a terra
Almas duas iguaes encontrar.
Uma vez encontradas, por força
Força occulta as terá de ligar.

Chamma activa d'uns olhos que cegão,
Como raios do sol a ferver,
Enlouquecem, torturão minha alma:
Neste estado é possivel viver ?...



PERGUNTA,

**Alva estrella de meus sonhos,
Onde lanças raios teus,
Onde te libras fermoza,
Talisman de sonhos meus?**

**E' nesse logar tam bello
Povoado d'arvoredos,
Onde a virgem namorada
Vai derramar seus segredos ?**

Alva estrella, mais fermoza
Que as finas per'las do mar,
Sobre o teu lyrio silvestre
Inda tu podes brilhar?

Ou vaes inda sobre a encosta
Furtivos raios mandar,
Ou sobre o elmo de prata
Do teu guerreiro pouzar?

Ou vagas tu solitaria,
Entre nuvens escondida,
De teus encantos ciosa
E da terra aborrecida?

Alva estrella de meus sonhos,
Que eu vi da vida na flor;
Vives no céu solitaria?
Tens na terra algum amor?



AO AUCTOR DA POEZIA QUE SEGUE.

N'um valle formado por serras altivas
Nascente no mundo, cercado d'amor,
O sol de Castella pouzou-te na fronte,
O sol de Castella fadou-te cantor.

Na ria que passa serena e ligeira
Bilbau a fermosa te vira nadar,
E a agua tam fresca, tam pura, tão linda,
No peite não pôde teu fogo abrandar.

Cresceste, e na vida passaste sosinho,
Sosinho, tam moço, nasceu-te o soffrer;
Tu foste uma rola no tronco lascado
Carpindo queixumes, sosinha a gemer.

Amor da tua alma nas faces escripto
Deixou soffrimento, mas deu-te condão,
Sentiste, gemeste, ficou-te uma lyra
Vibrando afinada por teu coração.

Amor deu-te a lyra, tu deste-lhe os cantos;
Deu-te o sol o estro n'um raio dos seus,
E' nobre teu peito, é livre tu'alma,
A lyra é da patria, do amor, e de Deus.

E canta e suspira, não manches teus cantos;
Poeta, não quebres teu nobre condão,
O bardo anda acima dos grandes da terra,
Não cumpre seus fados de rojo no chão.

N'um valle formado por serras altivas
Nasceste no mundo cercado d'amor,
O sol de Castella pousou-te na fronte
O sol de Castella fadou-te cantor.

SE CÓRAS, NÃO CONTO.

Tu queres que eu conte um sonho que eu tive,
Não sei se acordado, não sei se a dormir ?
Foi todo singelo, foi todo innocente,
Tu córas, sorrís-te, tens medo d'ouvir ?

Não córes, escuta, não fujas de mim,
Que o sonho, foi sonho de casta isenção:
Já crês ! não duvidas ? Verás como é lindo
O sonho innocente do meu coração.

Eu via em teus lábios um meigo sorriso,
Em teus negros olhos um casto mirar,
Teu seio de neve a arfar docemente,
Sentia nas faces o teu respirar!...

E tu não fallavas... mas eu entendia;
E tu não fallavas, mas eu bem ouvi :
« Amor »—na minh'alma a voz me dizia,
E um beijo na fronte não sei se o senti !

Já ves que o meu sonho é sonho innocente,
O resto eu t'o conto, —como has de gostar!
E' todo singelo, d'amores somente;
Verás que de ouvi-lo não has de córar.

Depois apertando teu corpo ligeiro,
Cingindo em teu collo meu braço a tremer,
Ouvi uma falla, e o que ella dizia,
Agora acordado, não posso dizer.

Não posso contar-t'a, só pude senti-la;
Não posso contar-t'a, senão a sonhar,
No sonho innocente, no sonho d'amores,
Que tu— duvidosa— julgavas córar.

Não posso contar'ta, nem sei se acordado
O que ella dizia se póde entender;
Eu sei que sonhando, pensei que era sonho,
E agora, acordado, o não posso esquecer !

Mas tu p'ra que escondes a face corada !
Não tem nada o sonho que faça corar;
E' todo singelo, è todo innocente,
Que vale um abraço, se é dado a sonhar,

Mas tu não te escondas, que eu fico calado;
Não quero offender-te a casta isenção,
Não torno a contar-te, depois d'acordado,
O sonho innocente do meu coração.

RAIMUNDO BULHÃO PATO.



MINHA LAURA.

Minha Laura quem é ? Aqui no mundo
A Laura que eu sonhei viver não pode.
Tu és dos sonhos meus a imagem sancta
Do meu bello ideal; tu és meu anjo,
Meu guia e meu faról no mar da vida:
Oh como eu te sonhei !... oh que belleza !
Que divino condão tinham teus olhos !...
Descrever-te quem póde ? Teus cabellos
Teu rosto, tuas vestes côr da noite,
Na terra quem as vio ? Só eu nos sonhos,
Naquelles sonhos que tu sabes— Laura—
Sonhos diversos dos meus sonhos de homem !

Oh tu não és do céu, nem és da terra;
Tu vagas neste espaço entre dous mundos,
Como entre mar e céu fermoza estrella,
A velar sobre mim com vestes negras.
Um breve instante só que m'abandonas,
Nos bachicos festins eu vou sentar-me
E ao pallido clarão da orgia infrene,
Sorvendo a taça de infernaes prazeres,
Desta vida maldicta esqueço as dores.

Não m'abandone, não !—quando perdido
Em delirios d'amor na mente acceza
Da morte, por querer, a torva imagem
Na mente me roçou com força horrivel,
Intentando fugir ao mundo, aos homens !.
O já suspenso ferro m'arrancaste,
Mostraste-me no céu fagueira esp'rança,
Teus labios descerrar vi n'um sorriso;
Na calma do teu rosto acreditei-te
Mas espero demais: que importa ? Espero.

E tu não m'illudes, eu sei que tu vives,
Em sonhos eu sinto teu meigo condão:
Tu és minha crença, espero na vida,
E a fé e a esp'rança não é illusão.

Eu sei que tu vives, eu sei que tu sentes,
Sonhei-te somente: quem és—não sei eu—
Porêm se nos virmos ninguém nos separa,
Então serás minha, eu heideser teu,



ALFINETE PRETO.

Oh só tu me restas della,
Vou contigo conversar,
Alfinete negro— negro—
Negro como o meu penar !...

Tu lhe pregavas a tella
No lindo collo fermozo,
E tu ias cuidadozo
Seus encantos occultar;
Encantos que ouzei sonhar,
E por elles me perdi !...

Oh tu que ousaste mirar
Daquelle scio o candor,
Dize, o peito não batia ?
Que sentimento o movia ?
Era accazo aquelle amor,
Que eu sonhei, que me votava,
E que eu tanto lhe pagava ?

Era, sim, amor tam puro,
Tam puro qual o sonhei,
Nascido n'uma alma triste,
Que pela minha afinei :
O meu condão sobre a terra,
O anjo que imaginei,
Que na vida me guiava,
E que só em mim pensava.

A minha imaginação,
A minha só illuzão,
Era ella.
O meu negro coração
Tinha o calôr d'um vulcão
Só por ella !
E terá;
Meu sentir não findará;
Reprimido o guardarei,
E com elle morrerei,
Sempre assim !...

E ella foge de mim,
E deve sempre fugir,
Pois hade sempre murchar
Toda a flor em que eu tocar!...

Alfinete negro, sentes ?
No seu peito tu viveste:
Ao ver-lhe, o seio tam lindo,
Desejos tu não tiveste ?

Tu não tinhas uma boca
P'ra seus encantos beijar,
Outro peito tu não tίνhas
P'ra com aquelle pulsar.

E só tu me restas della,
Negro como o meu penar:
Negro, negro, assim te eu quero,
Dessa côr eu posso esp'rar.



AOS SEUS ANNOS.

Não houve esta manhã uma florinha
Que deixasse d'abrir;
E o mago rouxinol sobre um salgueiro
Seu canto fez ouvir !

Na violeta gentil eu vi teu gesto;
E na cecem que abria
Sobre a haste fermoza e delicada
Teu rosto descobria.

Assim ha lustros trez após trez annos
Em côro angelical baixaste á terra;
Assim á luz abriste a vista meiga,
No teu divino olhar que o fogo encerra.

Assim eu triste no correr da vida
Senti meu coração p'ra ti voando,
E d'amor suspirei, porque sentia
Teu dom celestial em mim vibrando.

Assim no teu natal, pulsando a lyra,
Duas cordas, quebrei; uma restava !...
Era a corda do amor, era minh'alma
Que alegre, e sem eu qu'rer pra ti voava !..



TU PARECES.

No Album da Exm.^a Sr.^a D. M. L. G.

Tu pareces aragem fagueira,
Derramando seu doce frescor;
Tu pareces da lyra primeira
Inspirada harmonia d'amor.

Tu pareces um anjo divino,
Do porvir descerrando esse véu;
Tu pareces o fogo que passa
A meus olhos fitados no céu.

Tu pareces a flor do deserto,
Quando vives contigo pensando;
Tu pareces na sala entre o jaspe
Alva roza entre todas brilhando.

Tu pareces a vóz do silencio
Que s'esvae neste espaço perdido;
Tu pareces o sonho d'um vate
Que alta noite lh' envolve o sentido.

Se em teus olhos de negro tão vivo
Vêu escuro desdobra a tristeza,
Tu pareces a nuvem passando,
Encobrendo do sol a belleza.

Oh tu lembras um mundo encoberto,
Encantado porvir no p'rayzo,
Se entr'abrindo teus labios fermosos
Alvas per'las tu mostras n'um rizo.

Tu pareces a ave do bosque,
O plumozo, inspirado cantor,
Quando soltas da voz harmonias
Dessas trovas que fallão d'amor.

E pareces a estrella isolada
Entre nuvens sozinha a brilhar,
Onde os olhos de todos se fixão
Pr'a seus raios de fogo gozar.



O MEU RAMO.

I.

Colhi um lirio campestre,
Juntei-o a uma cecem,
Entre uma roza silvestre
Amor do prado tambem;
Puz-lhe murta em derredor,
Dei-lhe todo o meu amor.

Era triste, roxo o lyrio
Qual em prado nunca vi,
Mais triste do que o martyrio
Que hei soffrido já por ti,
Mais triste do que era triste
Aquelle pranto que viste !...

Qual um rosto de donzella
Sem vislumbre de tristeza,
A cecem alegre e bella
Colhi em toda a pureza;
Colhi-a de madrugada
No verde campo isolada.

Por entre silvas sozinha
Uma roza aberta achei,
Eu colhi a pobresinha,
Colhi-a... como? — não sei.
Não tinha espinhos, colhia,
Era apenas meio dia.

Entre a cecem, entre a roza
No meio deixei o amor,
Mas uma e outra vaidosa
P'ra si queria toda a flor,
E o fermoço amor perfeito
Dobrou a fronte no peito.

Ao luar em noite amena
De murta um ramo colhido
Por mim foi, mas tive pena;

Ate por faces sentido
Vi meu pranto deslizando,
Qual na praia o mar roçando.

Tive pena, que da murta
Inda a flor era um botão,
Sua vida mansa e curta
Matou-lha meu coração;
Mesmo assim eu tinha amores
Neste raminho de flores.

II.

Hoje fui ver o meu ramo,
Perfeito amor não achei,
Será verdade ? não amo ?
Amo... se amo !... eu bem o sei;
Mas o amor tinha cahido
D'hastezinha resequido.

Linda cecem tinha-a preza
Tenue fio, á haste só
Do viço, graça e belleza
Restava seccura, pó !
Ninguem diria ser ella,
Tendo-a visto pura e bella.

Do ramo tenho saudade
Que era um ramo de condão,
Colhido na soledade
Com amor do coração:
Era o ramo da minh'alma,
Hoje é triste e negra palma.

III.

Em lugar do triste lyrio
Um amigo qu'ria achar,
A que o meu longo martirio
Eu podesse confiar,
Que o meu sentir entendesse,
Que minh'alma conhecesse.

Em lugar da flor do prado
Nivea, fermosa cecem,
Quizera um anjo fadado
Pura donzella tambem,
Que sua alma me mostrasse,
Seus amores— quando amasse.

Em lugar da branca roza,
Uma mulher queria ter
Triste, meiga, desditoza,

A contar-me o seu soffrer,
A saber o que eu sentia,
Misteryos que eu lhe diria.

Em lugar d'amor perfeito,
Uma amizade sem fim,
Que m'occupasse este peito,
Que fosse toda para mim,
Que ha muito tempo sonhando
Vou na vida procurando.

Em logar da minha murta
Que em botão trazia a flor,
Que em sua vida tam curta
Perdeu verdura e candor,
Queria tirar d'entre flores
Linda flor dos meus amores.

Se o ramo que eu dezejava
Eu não poder recompor,
Vou sahir da funda cava
Onde a alma dorme á flor;
Torno a ser o que eu fui d'antes
Vou ter sonhos dilirantes.

Já a flor tenho escolhida,
Perpetua que hade durar,
Que me mandou nova vida
Que me fez de novo amar !
Que ao mesquinho Trovador
Deu outra, vida, outro amor.

RIO DE JANEIRO.



OS MEUS DESEJOS.

No Album de uma Senhora.

Se eu fôra das noites o astro fermozo,
Em teu lindo collo quiséra brilhar;
Teus negros cabellos soltára nos ares,
Se eu fôra nas praias a briza do mar.

Se eu fôra dos montes o echo sentido,
Tua falla inspirada quiséra imitar;
Se eu fôra das aves a ave mais linda,
No braço de neve te iria pouzar.

Se eu fôra das flores a tua mais qu'rida,
De teus meigos olhos quisera um olhar;
Se eu fôra uma pomba, se rola innocente,
Teus doces afagos quisera gozar.

Se eu fôra uma trova de verso singelo,
Por esses teus labios quisera passar;
Se eu fôra uma lyra de cordas douradas,
Sentir eu quisera tua mão dedilhar.

Mas eu não sou astro, nem lyra, nem echo,
Nem ave, nem trova, nem briza do mar,
Sou homem que sinto, que soffro, que gemo,
Que o ver-te na terra me pode matar.



A' MORTE.

Vem, oh morte, vem tu, oh vem salvar-me,
 Alonga os passos teus;
Vem d'um golpe findar meus soffrimentos:
 São negres e só meus!...

Com a destra mirrada... vem tirar-me
 Do ermo em que nasci;
Onde só uma flor, pallida e triste
 Nasceu, brotou p'ra mi !

Não a pude colher; nem vê-la é dado
 Ao pobre trovador;
No mundo requieimou no viço ainda
 Bulcão destruidor!...

Viverei sem a ver, e sem ao menos
Gozar essa ventura,
De mirar sobre o campo entre as mais flores
Das flores a mais pura !

Vem, oh morte, da terra onde vivo
Com teus cantos finaes arrancar-me;
Desta vida que eu vivo tam triste
Vem, oh morte, vem tu libertar-me.

Mas se a flor que eu amei sobre a terra
Fôr na campa do triste brotar,
Eu virei um só beijo gelado
Sobre as folhas escuras deixar;

Eu virei com meus prantos da terra
A florinha da campa regar,
Era tudo que eu tinha no mundo
Que na louza não pode acabar.

O MEU SEGREDO.

Ninguém sabe por hi pela terra
Um segredo que eu tenho guardado:
O sentir de minha alma é mysterio,
Que no mundo não hei revelado.

Em meus sonhos, em nuvem doirada
Doce esp'rança là vejo brilhar,
Mas se vélo, eil-a vem trovejada.
Os meus sonhos felizes matar.

De minh'alma saudoza aos suspiros
Outra alma afinada eu sonhei,
Na soidão, entre rochas bravias,
Minha lyra sentida pulsei.

Enganei-me, illuzões uma a uma,
Perdi todas ! que importa bradar
Neste ermo sem fim que é a vida
Onde esta alma não pode habitar ?.



A MINHA VIAGEM.

I.

Vai a um largo a todo o panno
Minha galera veloz,
Ferve o mar no vasto oceano
Com seu rugido feroz:
A vaga altiva s'eleva,
E em álva espuma que cega
Muda a côr de puro azul ;
Com furia as ondas cortando,
Vai rangendo e oscillando
Popa ao norte, a proa ao sul.

II

Amenos vergeis fermosos
Que á vista vejo fugir,
Verdes montes alterosos
Que inda posso distinguir:
São da terra as minhas flores,
São saudades, são amores
Como eu ainda não senti,
Saudades da mãe chorosa,
Da triste espoza saudoza
E da terra onde nasci.

III.

Terra minha, és uma sombra
Ou negra nuvem do céu ?
Tua vista não m'assombra,
Quem t'oculta em denso veio ?
Onde os montes elevados,
Onde os teus templos dourados ?
Onde as fontes de crystal ?
Onde os velhos arvoredos,
Onde de Cintra os rechedos?
Tu és nuvem Portugal ?

IV.

Patria minha, és envolvida
Das sombras entre o negror,
Nem uma nuvem perdida
Resta de teu esplendor;
Que leguas correu ufano
Sobre este deserto oceano
Fermoso veloz « Rubim, »
Das ondas zombou da guerra:
E longe da minha terra,
Deu-me o céu, e o mar sem fim.

V.

Mar em serras elevado,
Eu tenho por terra aqui ;
Um denso manto estrellado,
Tenho á noite sobre mi,
Vem as ondas embalar-me,
Vem a lua acompanhar-me
Com moribundo fulgor;
E são cantos feiticeiros
As vozes dos marinheiros
Ao errante trovador.

VI.

Aqui em lugar de lyra
P'ra trovas minhas cantar,
Tenho a briza que suspira,
Tenho os rugidos do mar;
Em lugar de canções ternas,
Tenho o ranger das cavernas,
Tenho a voz do furacão,
Tenho os raios a cruzar-se,
Tenho o mar a revoltar-se,
Tenho ronco do trovão.

VII.

Lindo barco, tu me levas
Por onde eu nunca passei;
Tu corres, vôas que cegas,
Mas para onde ? Não sei !
A um bordo Porto Santo
Involvido em negro manto
A' minha vista fugiu,
Ao outro a ilha de Palma,
Da terra saudades d'alma
Na minha alma imprimiu.

VIII.

Beixei Cabo Verde a leste
E nem o pude avistar,
Senti correr o nordeste
Pelas campinas do ar.
Muda então alli o vento
Assopra o bulcão violento.
O céu negro faz tremer,
Veloç galera s'alaga,
E paira sobre uma vaga
Pra com outra arremetter.

IX.

Vai de montanha em montanha,
Arde o fogo entre o negror,
Quebra a vaga a dura sanha,
Scintilla tudo em redor,
Ora sóbe o duro lenho,
Ora se dobra ferrenho,
Te onde a vaga cavou;
Cresce o vento o mar resoa,
Furiosa ruge a Leoa
Que o triste Camões cantou.

X.

Minha galera fermoza
Quem te faz hoje deter ?
Por que paras, preguiçosa ?
Preguiçosa de correr ?...
Inda ha pouco a uma e uma,
As ondas todas espuma,
Te insultavão mil e mil.
Agora páras?.. Que vejo !
Não é a briza um bafejo ?
O mar um lago d'anil?...

XI.

Pára;.. que o sol que te cobre,
Queimando as aguas aqui,
Tostou muita fronte nobre
Naquelles torrões d'alli.
Pára... que estrada é do Gama,
Pára, sim, lembra-me a fama
Do que por mares se fez.
Pára!... que longe da Europa
Ufanoavas na popa
O pavilhão portuguez.

XII.

Mas já do norte o Luzeiro
Perdeu-se em campos d'azul,
E de fogos um cruzeiro
Brilhou em frente no Sul.
Já sobre o eixo do mundo,
Por ondas do mar profundo,
Galera, vi-te passar ;
Vi o sol postado a meio
Mirar-te de fogo cheio
E tu fugir-lhe no mar.

XIII.

Onde me levas galera
Onde me levas « Rubim ? »
Tu ruges como uma féra,
Tu corres no mar sem fim,
Mostra-me ao menos de terra
A ponta d'alguma serra,
Uma pedrinha se quer,
Além do mar a cercar-me.
Deste céu acoberta-me
Terra, terra... eu quero ver.

XIV.

Que é isto ? Que luz fermosa
Ao longe vejo brilhar ?
Perla de fogo orgulhosa
Roçando a face do mar.
Luz que definha, fenece,
Depois risonha apparece,
Sirvindo ao nauta de sol !
Oh ! alegra-te minha alma
Que a luz que brilha na calma
E' da America um pharol.

XV.

Oh ! que é — á luz da estrella
Que me trouxe um novo dia,
En vi o fogo daquella
Sobre altiva penedia:
Depois á luz duvidosa
Da madrugada chorosa,
Vi penedos a surgir,
Quando o Céu de varias côres
Ensina, revela amores,
A quem os sabe sentir.

XVI.

Que solo é este tão lindo
Das aguas nascido aqui ?
Que prazer é este infindo
Que eu sinto dentro de mim ?
Que vejo na praia nua
D'alvo corpo que fluctua
Do sol ao primo clarão ?
Templo santo á flor das aguas,
Postado ao lume das fragoas,
Dos crentes consolação.

XVII.

Altiva rocha empinada
Tu és bella sobre o mar,
Qual sentinella avançada
Teu lindo solo a guardar.
Tua cup'la é de granito,
Tua figura no Egypto,
Campea no vasto areal,
E's rainha, e tens a c'ra
Quando a nevôa s'amontoa
Em tua fronte real.

XVIII.

Este mar é lago manso,
Tem d'anil um puro azul,
Tem um sentido remanço
Como as aguas d'um paúl;
Este solo é brasileiro,
E' christão e hospitaleiro
Todo paz, e todo amor:
E' o infante crescendo,
No mundo desenvolvendo
Seu poder, e seu vigor.

XIX.

Nesta terra, qual na minha,
Tambem geme a viração;
Tambem suspira a fontinha
Suspiros do coração;
Tambem se divisa a selva
Coberta de verde relva,
Tambem a noite tem véo,
Tambem o sol tem fulgores,
A lua, encantos, amores,
Lindas estrellas o Céu.

XX.

A falla que aqui se falla
Da minha terra é tambem,
Belleza, verdura, e galla
A natureza aqui tem;
Tambem donzellas fermosas
Toucadas de brancas rosas,
Podem bardos inspirar;
Por isso a mágoa profunda
Em que o peito meu abunda
Hei de em cantos mitigar,

RIO DE JANEIRO.



O CANTO DO PESCADOR.

Em minha barca ligeira
Por ondas mansas d'anil
Vida levo aventureira,
Pobre, liberta, gentil;
Sou pescador destes mares,
E em trovas singulares
Deixo ás ondas meus pezares,
Soltando suspiros mil.

Se á feição me sopra o vento,
A minha barca a saltar
Zomba do noto violento,
Qual gazella, sobre o mar.
Minha barca é elegante,
Minha patria e minha amante;
Nenhuma lhe passa avante,
Que é mais leve do que o ar.

Com rijo vento a bolina
Ruge d'agoa no fragor,
Dobra a cinta purpurina,
Quebra-se o mar ao redor.
Se o vento sopra ponteiro,
Entre todas vae primeiro,
Qual o golfinho ligeiro
Das vagas saltando á flor.

Não quero viver na terra,
Não quero, que me faz mal....
Vermelha porta da serra
Foste o meu berço natal:
Naquellas altivas penhas
Senti fogo nas entranhas
E ao vento das montanhas,
Voei ao mundo ideal!

Divaguei, corri sem tento
Por essa terra a passar,
E hoje cazo um lamento
Com os gemidos do mar:
Se altiva, dura, violenta
Ruge no mar a tormenta,
Tem um som que m' acalenta
Em meu doce repouzar !

Quando em caxão alva espuma
Nos mares sinto a ferver,
E a vaga uma por uma
Vem meu lenho arremetter,
Socegado e descantando
Vou meu leme governando,
No meu caximbo fumando;
Não m' importa de morrer

Lá no céu p'ra mim fulgura
Estrella d'argentea côr.
Estrella toda ternura,
Estrella toda d'amor!...
Anjo que o mundo largaste
Que na terra me guiaste,
E que ainda não deixaste
De sorrir ao pescador !

Olhei na terra um só dia
P'ra seus encantos olhar,
Senti só uma harmonia
Foi o som do seu fallar:
Foi um dia todo flores,
Prisma de languidas côres,
Um novo mundo d'amores
N'uma hora de gozar !

Seus olhos onde a tristeza
Erguera um throno d'amor
Em sua negra belleza,
Em seu encantado ardor,
Inda me guião nos mares,
Inda me trazem pezares;
Brilhão nos ternos cantares
Dos cantos do pescador,

Não quero viver na terra;
Como a deixei inda é.
Dos elementos na guerra
Tenho mais crença e mais fé;
Saudades tenho guardadas,
Comprimidas, sepultadas,
Que hão de aqui morrer caladas
Do mar correndo á mercê.

II.

Quando pelo mez d'Abril
Sobre o céu todo d'anil
Entre fogos mil e mil,
A lua corre brilhando;
Quando a briza doce e bella
Como alento de donzella
Nos rizes da minha vella
Rumoreja suspirando.

Quando o mar todo de prata
Que manso tudo retrata,
Que em vagas não se desata,
Liso fermoso a brilhar;
O lindo anjo que eu vi
Que adorei, que tenho aqui,
Eu quisera ao pé de mi,
Ma mansidão deste mar !...

Então olhando em redor,
D'agoa vendo a liza flor,
Na barca do pescador
Vejo as redes descançar;

Os' aparelhos molhados,
Os barretes encarnados,
Os rostos do sol tostados
Dos companheiros do mar !...

Em minha barca ligeira
Por ondas mansas d'auil,
Vida levo aventureira
Pobre, liberta, gentil;
Sou pescador nestes mares
E em trovas singulares
Deixo ás ondas meus pezares,
Soltando suspiros mil.



N'UM ALBUM.

Se eu t'amara,
Confessára
Meu amor ;
Nem te eu amo,
Nem m'inflamo
Nesse ardor.

Amisade é fogo nascido nos céos.
E um raio, só della meu peito illumina,
Sentir que não morre, nem cresce, nem mata
Só tu m'inspiras-te que és alma divina.

Se eu t'amara,
Confessára
Meu amor;
Nem eu te amo,
Nem m'inflamo
Nesse ardor.

Pediste-me trovas, e trovas sentidas.
Em teu livro d'ouro não pude escrever;
Segui meus irmãos, parti-me ao combate
Foi meu pensamento com elles morrer.

Se eu t'amara,
Confessára
Meu amor;
Nem te eu amo,
Nem m'inflamo
Nesse ardor.

Se um dia na guerra por entre bombardas,
Donzella fermosa, de ti me lembrei,
Lembrei-me que em folhas do teu aureo livro
Um canto innocente pra ti não deixei.

Se eu t'amara,
Confessára
Meu amor;
Nem te eu amo,
Nem m'inflamo
Nesse ardor.

Eu sei que de maio no dia primeiro,
A teus meigos olhos um pranto assomou;
Eu sei que lembrada do pobre proscripto
Tua alma em torturas soffreu, suspirou !

Se eu t'amara,
Confessára
Meu amor;
Nem te eu amo,
Nem m'inflamo
Nesse ardor,

Eu vi-te menina qual roza nascente
Surgindo do tronco, fermoza em botã.
Eu vi-te depois na vida innocente
Dizer ao teu corpo: — cresci coração !

Se eu t'amara,
Confessára
Meu amor;
Nem te eu amo,
Nem m'inflamo
Nesse ardor.

Eu sei que em tua alma nascerão suspiros,
Eu sei que tu sentes, que podes amar:
Eu vi os teus olhos incertos vagando,
Do baile entre todos um só procurar !

Se eu t'amara,
Confessára
Meu amor;
Nem eu te amo,
Nem m'inflamo
Nesse ardor.

Eu tenho um desejo ardente, guardado
Bem fundo, bem fundo, no meu coração:
—Que encontres no mundo um ente inspirado,
Que entenda dessa alma a virgem paixão.

Se eu t'amara
Confessára
Meu amor;
Nem te eu amo,
Nem m'inflamo
Nesse ardor.

Se uma alma não achas que a tua compr'henda,
Vae antes em nuvens sosinha para Deus; —
Eu quero que tenhas na terra e na vida
A vida, os encantos que morão nos céus.

Se eu t'amara,
Confessára
Meu amor;
Nem te eu amo,
Nem m'inflamo
Nesse ardor.



A' SOMBRA DA MANGUEIRA.

Como é linda esta mangueira,
Feiticeira,
Entre o verdor a brotar !
Mas que vejo ?... socegada,
Descuidada,
Ella é ? 'stou a sonhar ?

Ella é !.. O lindo rosto
Dorme posto
Na mão toda de marfim !
Verde alcatifa de flores
Traja as cores,
Do topazio e do rubim.

Seus olhos ?.. — estão fechados
Socegados,
As pestanas juntas são,
Os cabellos mui compridos
Repartidos
A' vontade, cahir vão !

Os seus labios de coraes,
Ideaes,
Perlas finas deixão ver,
Por onde um doce bafejo
Como um beijo,
Embalsama e faz arder.

No seu peito como a lua,
Que fluctua,
Compassada ondulação !..
Da briza os doces frescores
Vão das flores
Passar por seu coração.

De cabaia o seu vestido,
Comprimido,
Em pregas vae descansar

Na cintura delicada
Mais delgada
Que se póde imaginar !...

Mas que vejo ? louco intento !
Veio o vento !...
Que louco o vento não é ?
Não s'assustem... não vi nada ;
Mas de fada
Oh ! meu Deos, que lindo pé.



A MINHA MUZA.

No tempo passado
D'amores cansado,
Dormia a seu lado,
Dormia a sonhar !
Ao romper do dia,
Ao sol que s'erguia,
Sentada eu a via
Na beira do mar. !

Do Tejo nas agoas
Junto d'umas fragoas,
Alivio de magoas
Procurava então;
E via o seu rosto
Divino, composto,
N'um rizo de gosto
Tornar-me em vulcão.

O meu pensamento
Ao seu aposento
Levou-me sem tento,
Entrei p'ra sentir:
E vi da janellas
As sedas mais bellas
Cahirem singelas
Em ouro d'ophrir.

Eu vi enlaçadas
Flores variadas
Misturar casadas
Um magico odor;
Seu divam nevado
D'argenteo brocado
Julguei reservado
Pra sonhos d'amor !

Depois eu fugia,
A voz lhe entendia,
Seus passos lhe ouvia,
N'um sonho sem fim.
Pura imagem della,
Fermosa e singela,
Vestida de tella
De branco setim;

Por cum'lo d'anhelos
Seus longos cabellos
Da côr dos meus zelos
Eu pude affagar;
Se a vista alongava,
A chamma encontrava
Dos olhos que amava
N'um languido olhar.

Oh ! muza, ao teu seio
Não tive receio,
No mais doce enleio
Cheguei-me, e senti;
Teus doces arpejos
Paguei-tos com beijos,
Fartei meus desejos,
Sonhei, e vivi,

Vivia sonhando!
Agora acordando,
O mundo encontrando,
Não posso viver:
Nem prazer, nem ira
Já nada m'inspira,
Gelou-se-me a lyra:
Eu quero morrer.



NATUS EST JESUS.

**Profetas.... Porque ? porque esses olhos
Fixados nos céus ? porque os joelhos
Curvados hi no chão ? Porque dos labios
Rebentão orações nascidas d'alma ?**

**Pr'o mundo nascerá risonha aurora ?
Algum sol redemptor tem d'affagar-nos ?
Luzeiro precursor de novas eras
Vem no mundo brilhar, dar-lhe outra vida ?...**

Muitos seculos lá vão; no pó dormidas
Ninive e Babilonia se revolvem:
A Fenicia cahiu — Cartago é morta,
O Egypto expirou !... Servos, senhores, —
O mais forte a reinar, de roxo o fraco,
As raças contra as raças combatendo !....

Aonde os reinos vossos, reis da terra ?
Onde o vosso poder ?. No Céu brilhando
Essa luz mais fermoza do que as luzes,
Estrella de Jacob — aurora santa
Chamma da redempção, nuncia de vida,
Vosso poder quebrou, a alçada, os thronos.

Librada vai nos céus a linda estrella:
Nobres, escravos, reis, o mundo todo
Vão de roxo adorar o fogo santo,
Que em esmalte d'azul passa nos ares.

Nasceu o redemptor !... De Deus o filho !..
Por toda a parte um grito se prolonga
D'alegria e d'amor !.. A terra treme,
E ante o berço do Infante o Céu se curva !...

O Missias nasceu !.. Vai d'echo em echo
Esta nova correr milhões de mundos !..
Jesus Christo nasceu na terra de homens,
Da virgem da Judéa entre mysterios,
Pobre, triste, obscuro, em erna gruta
Da fermoza Bethlem !.. E' Deus ! O eterno !
E' o filho de Deus !.. Alma de tudó,
Senhor da terra e Céu ! e um Deus somente !...

São-lhe palhas o berço em pobre alvergue,
Animaes sem razão a corte sua,
Em completa nudez abre os olhinhos
Ao mundo que mirou, para vir salva-l'ô.

Que mysterio este é ? O Rei de tudo,
O que manda nos Ceus, que fez surgil-os,
Que antes de tudo foi, — que será sempre,
Que os mares prolongou,—que fez a terra,
Que a um aceno seu, sepulta Imperios!
Que mysterio este é ?... Debil, humilde,
Na gruta de Bethlem !...

Em torno á fronte
Aureola de luz de chamma vívida
O Deus nascido ha pouco enche de brilho.

Pastores e aldeãs trazem-lhe offertas,
Cordeirinhos nevados, mel e flores,
Amor... adorações !... Moços e velhos
Pressurosos, correndo vem curvar-se
Ao Senhor, a Jesus, com crença d'alma.
Os magos vem queimar-lhe incenso e mirrha,
Votar-lhe adorações, cantar-lhe hosanna.

Nasceu o Redemptor !! Quando no mundo
O crime campeava envolto em ouro;
Nasceu o Redemptor ! quando a Rainha
Senhora das nações, activa Roma,
Em sangue e maldições baixava infensa
De sua campa de morte á porta funebre.

Pregador d'outra lei, aos seculos novos
De liberdade e amor os dons ensina;
Nova luz fez brilhar nas densas trevas,
Os homens elevou ao nivel de homens,
Nas almas lhes lançou amor e crença.

Nasceu o Redemptor !... Foi sobre a terra,
A morrer de seccura, a abrir-se toda,
O precioso orvalho de uma nuvem

O ermo a refrescar !... Foi luz fermoza,
O arrebol da manhã depois das trevas.

Nasceu o Redemptor !... Da natureza
Poderoso Senhor, grande entre os grandes,
Chora debil menino em pobre alvergue !...
Como arvore gentil sombrêa o tronco,
A virgem da Judéa se debruça;
Os olhos fixos tem no lindo infante,
No berço se reclina, e n'um sorriso,
Todo ternura e amor, todo celeste,
Dá graças ao seu Deus, feliz se julga,
E os labios entre-abrindo qual nos campos
Virginca, tenra flor abrindo, á aurora,
Junta o tenro menino ao puro collo,
Dá-lhe beijos d'amor, chama-lhe filho.

Após quarenta seculos passados,
Mais dezoito lá vão, mais quarenta annos,
E mais doze tambem ! Oh Deus eterno,
Tornai de novo ao mndo, que esquecerão
As tuas leis d'amor, os teus preceitos !...
Em tempos que lá vão, dormindo a crença,
Com sangue de teus filhos salpicarão
O teu manto de luz, derão-te incensos,
Apostolos falsos teus com fumo d'ossos

Dos homens tão irmãos, a que ordenaste
Amor e só amor !.. Forão teus hymnos
Gemidos em torturas consagrados,
Blasfemias contra ti ?... Oh torna ao mundo,
Que a nova geração que o mundo habita
Nem mesmo a deixão crer !

Curvai-vos todos !
Orai, pedi perdão dos crimes vossos:
O Redemptor nasceu no pobre alvergue
Da fermosa Bethlem ! — o Deus eterno,
Filho do mesmo Deus, alma de tudo,
Senhor da terra e Céus, e um Deus somente !...

RIO DE JANEIRO, 25 de dezembro.



PORTUGAL.

Minha patria, não morreste.
Tu dormes p'ra descansar;
Essa luz que ao mundo déste,
Hade de nova brilhar.
As nações tem noite e dia,
O mesmo sol te alumia,
Tens d'um Deus a sympathia
Que por esméro te fez;
De tuas passadas glorias
Conta-me o Douro as memorias,
Conta-me o Sado as victorias
Do meu solo Portuguez.

Bemfadou-te a natureza,
Oh terra de Portugal,
Ninguem t'excede em belleza,
Na Europa não tens rival:
Teus brios, tuas façanhas
Trouxeram raças estranhas
Pelos vales e montanhas
Do nosso pingue torrão;
Teus filhos foram temidos,
Foram de Deus os mais qu'ridos,
A um e um escolhidos
P'ra aquelle solo christão.

Gigante, no duro peito
Mil nações fiseeste erguer;
Teu braço forte era feito
P'ra outros mundos sustar:
No oceano debruçado
Teu braço virão alçado
Correr livre e descansado
O pano ao mundo do sol;
Virão-te a lucida fronte
Como de chammias um monte
Brilhar por todo o horizonte
Qual um immenso farol.

Do Mondego as agoas puras,
Murmurando mansamente.
Contão-me nossas venturas
Havidas sobre o crescente:
Ainda ha pouco o meu Tejo
Chorou comigo,— e com pção
Me revelou seu desejo
A's perguntas que lhe fiz;
E de meus prantos cansado
Pareceu-me ter soltado
D'outros tempos recordado
Um nome— Martim Moniz! —

Inda ha pouco o vasto oceano
Onde meus prantos verti.
Altivo, raivoso, ufano.
Não foi sonho!... Eu bem ouvi!
Murmurou dos cavos fundos
Inda uns hymnos moribundos,
Aquem juntou novos mundos
A' minha terra natal;
Ouvi nome do— Gama,
Do vate que mais m'inflama,
Ardeu-me no peito a chamma
D'um filho de Portugal!

Erguer-te, oh patria, não ouzas !
Que importa, patria gentil?...
Dize, oh Tigre, não repouzas
A's vezes no teu covil?...
Inda ha pouco escarnecida,
Oh minha terra tão qu'rida,
Os dias da tua vida
Quiserão-te alli marcar !
Mas se um brado não soltaste,
Dos estranhos tu mofaste !
S'os ferreos braços cruzaste,
Cruzaste-os p'ra te vingar.

Que te importão dos Inglezes
Altivas fortes armadas ?
Nos annaes dos Portuguezes
Estão as glorias marcadas:
As mais fermozas donzellas,
D'Albion as filhas bellas,
Homens não tinham p'ra ellas,
Que os Inglezes não no são ;
Minha patria procurárão
E Portuguezes achárão,
Que as duras lanças cruzarão
Deixando as outras no chão.

Oh cidade dos thesouros,
Da Luzitania que queres ?
Onde estão teus verdes louros,
Se abandonas as mulheres ?
Se tuas filhas fermozas
De seus irmãos vergonhozas
Croárão de louro e rozas
A fronte de Portuguez;
E' que o seu peito mais duro
Batia no aço puro
Como a bala sobre o muro,
Como alfange em fino arnez !

Dize, oh França, que venceste
Dos povos no coração,
Dize, oh mundo, que tremeste
Ao nome— Napoleão —
Que valerão altivezas
Das tuas aguias francezas
Contra as quinas portuguezas
Da minha terra natal?
Em Marengo combatestes,
Em Austerlitz tu venceste,
Em Waterlôo tu morreste,
Recuaste em Portugal !

Castelhannos, oh que um rizo
Vem sem qu'rer dos labios meus,
Raça nova eu te diviso
Até com pejo dos teus;
Na batalha do Sallado
O teu Rei veio prostrado,
Dos Mouros amedrontado,
Pedir força ao Luzo Rei :
Os Mouros forão vencidos
Pelos Luzos aguerridos,
Que hoje de braços prendidos
Té Castella lhes dá lei !...

Castella talvez fugisse
Ainda aos confins do mundo,
Se nos seus campos s'ouvisse
O brado de João segundo !...
Que t'importa a desventura ?
Portugal... sina futura
Promette ainda ventura
Ao nosso solo christão:
Embora deixem primeiro
Sem auxilio d'estrangeiro
O combate derradeiro
Do leão contra o leão.

Minha patria, não morreste,
Tu dormes p'ra descansar:
Essa luz que ao mundo deste
Hade de novo brilhar.
As nações tem noite e dia,
O mesmo sol te alumia,
Tens d'um Deus a sympathia
Que por esmero te fez.
De tuas passadas glórias
Conta-me o Douro as memorias
Conta-me o Sado as victorias
Do meu solo Portuguez.



JA' PASSOU,

**Minha vida, que tens sido ?
Delirio ardente sem fim,
Todo o sentir que hei nutrido
Matou-me no mundo ?... a mim ?
Altivo, forte, e violento
Em minha alma o sentimento
S'ingasta por meu tormento.
Como na prata o rubim.**

E não morri !... minha qu'rida
Tanta vida tenho eu !
Q'inda metade da vida
Eu déra por um beijo teu:
Em teus braços enlaçado
Quando d'amores cançado
Eu dormia socegado
O mundo julgava meu !

O mundo?... que tem o mundo
Que não ceda ao teu olhar,
Quando o desejo profundo
Nos olhos te vae pouzar.
Quando em terna languidez
Rozea côr na linda tez
O teu amante revêz,
Oh como sabes matar !

Não te lembras? esquecido
Ha tanto tempo por ti,
Que vida tenho vivido,
Que vida triste para mi !
Não te lembras desses mares,
Daquelles ternos cantares,
Quando d'alma os meus pezares
Te mostrei, quando te vi ?...

Oh lembra ! lembra-te agora
Dessa noite do luar:
Já tinha dado uma hora,
E tu na praia a pensar,
Depois ondas que gemião
Rogar de labios ouvião,
E dous peitos que batião
Nas praias — ao som do mar.

Ao som das vagas é bello,
Bello da lua ao clarão,
Apertar d'amor o elo
A's fibras do coração:
Quisera deixar o mundo
Naquelle prazer profundo,
Que sahia furibundo,
Como a lava do vulcão.

Não te lembra ? Em noite escura
Daquella ave o piar;
O mate foi da ventura,
Foi o prazer a finar:
Mas ainda nos teus braços
Passei os curtos espaços:
Sahi com tremulos passos
P'ra nunca mais te mirar.

12

, 30

132

D'improviso no aposento
Entra Manos anciozo;
Leva Stella n'um momento,
Une-lhe o peito fermoço
Ao delle d'amor sedento.

Por labaredas correndo,
Sorvia seu respirar;
Mais que o fogo vive ardendo,
Quer elle Stella salvar,
A vida depois perdendo!..

Deitou-a no seu jardim
Em folhas, e muita flor;
Acordou Stella assim,
Olhou o seu roubador
Co'a face toda carmin.

Ao corpo delle apertou
O lindo corpo de Stella,
Seu olhar lhe devorou:
Foi o primeiro olhar della,
Que, salvando-a, lhe roubou.

IV.

E' D. Manos accusado
Por D. Affonso y Salygos,
Seu rival, de ter deitado
Fogo á noite nos postigos
Do castello já queimado.

E' D. Manos conduzido
Aos juizes sem detenção:
Marcha firme, e destemido,
Na sua firme presença
Não tem o crime esculpido.

V.

JUIZ.

— E' tua a scena de horror ?

— D. Manos, lanças-te o fogo ?

D. MANOS.

« Sim, fui eu; por meu amor
« Nenhuma graça te rogo,
« Não quero de ti favor!..

« Por entre as chammãs correndo
« Eu pude Stella abraçar,
« Fui-lhe o alento sorvendo,
« Gozei seu primeiro olhar;
« Que eu também estava ardendo.

« Em seus olhos o céu vi
« Ante meus olhos patente;
« O coração lhe senti:
« Eu só fui o delinquente,
« Vou morrer, porém venci!



MARIPOZA.

Oh linda maripoza de mil côres,
 Não cessas de voar!
Tu és bella, és do céu; vives em flores,
 Em todas a pouzar.

; Quem tão linda assim te fez,
Oh quem em ti se esmerou,
Quem te deu tantos encantos,
Quem tão varia te formou ?

E's fada, o teu condão deu-me tormentos;
E's linda, triste sorte me deu ver-te
E's da lyra choroza os sós lamentos,
Suspiros tão sentidos de perder-te
Encerrão só para mim os passatempos.

Eu vi-te voando,
Eu vi-te adejar,
Eu vi-te pouzando,
Na flor mais mimoza;
Tu éras fermoza,
Linda de matar!...

Tuas azas adejantes
Tem todo o esmalte da terra,
Os teus vôos incessantes
Varios são, como na serra
Os arbustos vicejantes.

Tens, oh tens tantos encantos.
Quantas bellezas encerras,
E vagão por entre flores
Entre os arbustos das serras
Tuas azas de mil côres.

Esta linda maripoza
Voando de flor em flor,
Perdôa!... posso dizer-to:
E's tu só meu lindo amor,



A SENHORA E O PAGEM.

SENHORA.

- « Por que triste assim te vejo ?
- « Por que mudas tu de côr ?
- « Por que te fôge das faces
- « O teu antigo rubor ?
- « Porque teus olhos parados
- « Já me não fallão de amor ?

PAGEM.

- Já não ! fallão São teus olhos
- Que não querem comprehender;
- Já não fallão ! E' tua alma
- Que me não sabe entender;
- Se perdi a côr das faces,
- O ciume a fez perder.

SENHORA.

« Ciume !... Quando fermoza
« Eu corria sobre flores
« Nas danças não me cercavão
« Um milhão de adoradores;
« Não larguei o mundo todo
« Em troco dos teus amores ?

PAGEM.

— Aborreço os olhos todos
— Que ouzão teu rosto mirar,
— Aborreço árajem mansa
— Que as faces te vai beijar:
— E' loucura ter ciumes,
— Mas estes são de matar.

SENHORA.

« Por que choras, bello pagem,
« A meus joelhos prostrado,
« Só tem poder em meu peito
« O teu olhar namorado;
« Tu és bello, os Reis do mundo
« São vassallos a teu lado.

PAGEM.

— Por outros labios passando,
— Não posso teu nome ouvir;
— De tudo tenho ciumes,
— Quando te vejo sorrir,
— Tenho ciumes das flores;
— Que a teus pés eu vejo abrir.

SENHORA.

“ Descança tu, bello pagem,
“ Meu amor é todo teu,
“ Escolhido d’entre todos
“ Por mim foste, tu és meu;
“ S’inda tenho adoradores,
“ Por vassallos dou-t’os eu.

“ Deixa á sombra do loureiro
“ Crescer a gramma do val;
“ Não vês a lua entre estrellas
“ A lua sem ter rival ?
“ De que vale ao pé do Oceano
“ Um regato de cristal ?

“ Quando te aperto nos braços,
“ Quando te uno ao peito meu,
“ Quando juntos nossos labios
“ Sensações gozão do céu,
“ Que t’importa que me adorem
“ Se ha triumpho!... é todo teu

PAGEM.

— Tu és bella, eu sou zelozo,
— Louco, ardente, o meu amor;
— E’ sentir de peito virgem,
— Que vem dos labios á flor;
— E’ sentir por Deus formado
— P’ra alma do trovador!...

— Não me lances esses olhos
— Qu’eu já não posso soffrer,
— Tenho medo de mim mesmo
— D’um amor como eu sei ter;
— Ha no mundo mil tormentos
— Por uma hora de prazer.

SENHORA.

“ Na solidão de tua alma
“ Deixa-me ser invejada;
“ E’s meu Rei, sou tua escrava,

“ Tu me chamas tua fada ;
“ Sou mulher!.. Tenho fraquezas,
“ Gosto de ser adorada,

“ Por que tornas, bello pagem,
“ A meus pés te vir prostrar ?
“ Uns olhos que p’ra meus quero
“ Não são feitos p’ra chorar ;
“ Eu te adoro a ti sómente,
“ Dou o que tenho de dar.

PAGEM.

— Se eu fôra sobre o dezerto
— A solitaria palmeira,
— Tu florinha que brotasses
— A meus pés, leda, fagueira,
— E eu vergando meus troncos
— Fosse olhar-te feiticeira.

— Havia dobrar-me toda
— Com tenção de t’ocultar
— Que nem o deserto visse
— A florinha alli brotar:
— São loucuras, são ciumes,
— São ciumes de matar!...

SENHORA.

“ Descança, meu bello pagem,
“ Tu vives nos sonhos meus;
“ Nunca d'outro neste mundo
“ Ouvirei delirios seus.

PAGEM.

— Dàs-me um beijo em juramento ?

SENHORA.

“ Bem sabes, são todos teus !»

A MINHA FLOR.

A minha flor debruçada
Na margem d'amenos rio,
Nasceu de prantos regada
Em limpa manhã de estio.

Cresceu em viço e frescura
E ergue o calix mimoso,
Todo encanto e fermosura
Em bosque denso e frondoso.

13

E tem no seio tão meigo
De roza e lirio formada
A linda côr desmaiada
De celeste inspiração;
E vive alli isolada
Só de silvas rodeada
Em sua triste solidão.

“ Oh minha! flor se és mais linda
“ Que o azul limpo dos céus,
“ Mais do que o sonho d’um vate,
“ Se um esmero és tu de Deus;

“ Ouve os suspiros do ermo
“ Em compassado concerto,
“ Recebe trovas ardentes
“ Do trovador do dezerto.

Junto á haste delicada
Eu senti-me delirar,
Nesse tão louco trovar
D’uma alma apaixonada,

A’ nascente, á bella flor,
O meu canto pertencia,

Lançou-me n'alma a poezia,
Ensinou-me o que era — amor.

Foi loucura, mas um dia
Cumprí o louco desejo
De em suas petalas lindas
Imprimir um doce beijo.

Mas um dia, foi loucura
Eu mostrei á minha flor
O fogo do meu amor
N'um momento de ternura.

Foi meu tempo ali perdido,
Vago foi meu delirar,
Linda flor do rio á beira
Nunca me quiz escutar!



MARIA,

Não te esqueças de mim quando sentada
A' duvidoza luz do sol nascendo,
Sentires meiga briza mansamente
Por teus longos cabellos misturar-se.

A' sombra dos olmeiros, não te esqueças
D'aquellas horas que passei contigo,
Horas todas prazer, todas encanto
Mysterios, sensações, vida d'amores.

Não te esqueças de mim, do rio á beira.
Nas horas melancolicas da tarde,
Quando o astro do dia a sepulta-se
Em c'lorido docel, desce nos mares.

Meu anjo, meu amor, quando no baile
Bella, sorrindo sempre a teus escravos,
Não te esqueça o lugar que tu me davas
Todo em teu coração, differente a todos.

Oh! lembra-te de mim, quando á noitinha
Em teu frouxo divan sentada triste :
Os prantos te sequei, acalentei-te,
Qual nevada pombinha, a mão fermoza.

Quando ao volver do baile, fatigada
Seltando as tranças, e revendo as flores,
Cançada de soffrer a voz das turbas,
Não te esqueças de mim, que eu não mentia.

Em teu leito gentil quazi dormindo,
Descançando em tua mão a fronte joven
Cerrando mansamente os lindos olhos,
Não te esqueças de mim, que em ti só penso.

Quando o somno cerrar teus olhos negros,
Da-me um sonho dos teus todo saudades,
Não te esqueças de mim, que á mesma hora
Hicí-de cazar com os teus meus sonhos tristes!

Não te esqueças de mim nunca na vida:
De tarde, de manhã, de noite, sempre
Eu quero os sonhos teus, dou-te meus sonhos.
Não te esqueças de mim, que em ti só penso,



UMA NOITE NA TIJUCA.

Offerecida ao poeta brasileiro

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

I.

Solitario eis-me contigo,
Linda noite de luar;
Oh! conversa tu comigo,
Qu eu vivo aqui a penar.
Tu és lua brasileira,
Estou só, vem tu fagueira
No meio da solidão
Receber um triste pranto,
Escutar em negro canto
Saudades de um coração.

II.

Neste morro de granito,
Roçando as nuvens por mi',
Qual n'um deserto do Egypto
Solitario eu vivo aqui:
Vem, oh lua, com teu brilho
Animar de Deus um filho,
Vem-me dizer onde estou;
Vem tu contar-me os segredos
Dos lagos, dos arvoredos,
Dos montes, que ouvir-te vou.

III.

Da Tijuca sobre o cume
Miro triste o brilho teu,
Eu sinto um doce perfume,
E o fogo que Deus te deu.
Brilha mais, quero meus olhos
Soltar ao mundo d'escolhos,
Quero luz, eu quero ver;
Estou só, estou contigo,
Dá-me, oh lua, o teu abrigo,
Confia-me o teu poder.

IV.

Vejo as faldas destes montes
Sobre a terra negrejar,
Sinto os murmurios das fontes,
Oioço os rugidos do mar;
Mas quem é esse gigante
Corcovado como Atlante
Quando o mundo quiz suster,
Que sobre todos campêa,
Que o espaço senhorêa.
Que as nuvens sabe deter ?

V.

Poeta ! que ahi sentado
Ousaste ao mundo fallar
E do altivo Corcovado
Podeste a vista soltar !
Eu da Tijuca na fronte,
Sentindo as aguas em monte,
Solitario trovador,
Olho como tu olhaste,
Peno como tu penaste,
Eu saudades, tu amor !...

VI.

Tu, poeta, abriste os braços,
E não os abriste em vão;
Viste nos longos espaços
Da tua patria o torrão;
Viste America fermoza
De bellezas orgulhosa,
De teus bosques o verdor,
E dos rios a frescura,
Das fontes a fermosura,
Fallarem fallas d'amor !...

VII.

A' direita eu vejo a lua
N'um serro brilhar ali
Da — Gavia — na fronte nua
Tenho saudades p'ra mi.
Sua grimpa calva e bella
Lembra-me a minha — Palmella,
Meu ninho d'aguia a brilhar,
E os sombrios arvoredos,
Os laranjaes, os olmêdos,
Que vão perder-se no mar.

VIII.

Nesse lago como prata
Com laivos de puro anil
— Lagamar — onde retrata
A lua o rosto gentil;
Em Setubal vejo o Sado
De meus hymnos namorado
Correr p'ra mim a sorrir,
Beijar-me os pès, e lascivo
Deslizar-se pensativo
Com orla d'ouro a fulgir.

IX.

Nessa praia e nessa ermida
Onde as ondas vão bater,
Da minha terra querida
Nazareth eu julgo ver:
Lá também vem uma a uma
Em rolo de branca espuma
A vaga a sanha quebrar;
Lá também um templo santo
Do christão recebe o canto
Para glorias lhe contar.

X.

De — Babilonia — na frente
O Pão d'Assucar olhei,
E a vaga que mansamente
A beijar-lhe os pés mirei;
Lembrou-me da minha terra
Pondo mate altiva serra
Negra pedra d'alvidrar,
Que dos vergeis de — Collares
Uma legua vai aos mares
Gigantes fôrmas mostrar.

XI.

Botafogo, como é bella
A tua bacia azul
Onde não ouza a procella
Erguer se ao vento do Sul;
Montes verdes te namorão,
As luzes do céu te adorão
Revendo as fôrmas ali;
E tu em doces queixumes
Não zombes dos meus ciumes
Pela terra em que eu nasci.

XII.

A' gloria ali de Maria
Esse templo entre o verdor
Branquejando noite e dia,
Todo encanto, todo amor,
Traz-me a lembrança fagueira
Da ermida da Azueira,
E os cantos do Zagal,
E o pranto derradeiro
Que deixei do meu Arneiro
Sobre as aguas de crystal.

XIII.

Em — Nicth'rohy — vejo Cassilhas
E os montes correndo ao mar
A tantas leguas e milhas,
O meu Tejo a namorar;
Vejo o immenso Guanabara
Banhar a orla tão cara
Do seu feroso Brazil,
E estender os longos braços
Do oceano nos espaços
Sobre leguas mil e mil.

XIV.

O meu Tejo !... Oh que saudade,
Que saudade eu sinto aqui!
Dá-me um brilho em soledade,
Brilha, oh lua, sobre mim.
Meu Tejo rugindo ufano
Tambem ergue p'ro oceano
Seu duro braço a tremer;
Mas tambem entre arvoredos,
Entre arêaes e penedos
Mansamente sóe correr.

XV.

Poeta ! Que ahi sentado
Ousaste ao mundo fallar,
E do altivo — Corcovado —
Podeste a vista soltar;
Eu da Tijuca na fronte
Sentindo as aguas em monte,
Solitario trovador,
Olho como tu olhaste,
Peno como tu penaste,
Eu saudades, tu amor!

XVI.

Esse throno donde ousado
Correste o mundo ao redor,
E este monte em que sentado
Geme o triste trovador,
E a Gavia erguendo lenta
A sua fórma cinzenta,
E esses morros que vez,
A mangueira azul escura,
Destes campos â verdura,
E a natureza em que lês;

XVII.

Lembra-me Ciatra empinada,
Toda granito e verdor,
Por mil riachos cortada
Fallando fallas d'amor;
Lembrão-me os verdes pomares
Junto á varzea de Collares,
Lembra-me tudo que é meu:
Em todas estas bellezas,
Melancolia e tristezas,
Saudades só tenho eu.

XVIII.

No Guanabara formoso
Eu vejo á luz do luar
Do argenteo bonançoso
Verdes ilhas destacar;
São fermozas essas flores.
De Paquetá os odores
Que ainda ha pouco senti,
Talvez me dessem ciumes,
Se eu não tivesse perfumes
Na terra aonde eu nasci.

XIX.

Petropolis, a infantina
Guarnecida de folhagem,
Onde corre matutina
Fresca, pura a leve aragem;
Do Botões a serra erguida
De nuvens ennegrecida
A meus olhos deixa ver
Da Estrella o elevado
Fermoso dorso gelado
A minha terra a correr.

XX.

Esse rio que em verdura
Corre os vales d'Iguassú,
Suspirando com ternura
Pelos troncos do cajú,
Lembra-me aqui de Bemfica
Lagôa fermosa e rica
Que ao lado do Tejo vem,
Que d'inverno é augmentada
Pela agua despenhada
Dos monics de Santarem.

XXI.

E tu no morro elevado,
Que fogo te passa ali
Nesse lugar destinado
Que ao pensamento te vi?
Tu, Bocage Brasileiro,
Olhas com olho certo
Tal o mundo como é:
Dos versos tens a grandeza;
Mas n'alma tens mais belleza,
Tens mais crença, tens mais fé.

XXII.

Agora uns outros queixumes
O vento me faz ouvir;
De poezia eu vejo uns lumes
Em branca fronte luzir.
Agora de ti lembrado,
Eu penso ter um recado,
Um recado que te dar;
— Magalhães, teu vate qu'rido,
« Teu Fylinto agradecido,
« Ouvio no céu teu cantar. »

XXIII.

Do cisne do Guanabara
Tambem ouço as harmonias:
Tu ergues a patria cara
Ao som de tuas poesias;
E depois vens preguiçoso
Deslizar um som queixoso
Pelos teus campos sem fim,
E em patrioticas fallas
Teus cantos livres igualas
Ao meu joven Palmeirim.

XXIV.

Oh meu Dias, nos teus cantos,
Nos teus cantos tu não vês
Meu Lemos seccando prantos
Com sorriso portuguez ?
Foi desse mesmo socego
Das aguas do meu Mondego,
Da minha terra natal,
Que o cisne do Guanabara
Ergueu a fronte preclara
Co' os vates de Portugal !...

XXV.

Poeta, que ahí sentado
Ousaste ao mundo fallar,
E do altivo Corcovado
Podeste a vista soltar,
Eu da Tijuca na fronte
Sentindo as aguas em monte,
Não acabo de gemer;
Eu quero um hymno sentido
De saudades envolvido
Aos meus poetas erguer.

XXVI.

Poeta, tu que abraçaste
O doce Garrett divino,
Em terra estranha casaste
Com elle tambem um hymno:
Tambem quero nesta terra
Sobre a granitica serra
Tristes préludios soltar,
E estudando melodias
Pelos cantos do teu Dias
Por amigo o abraçar.

XXVII.

Se bilhas agora, oh lua,
Sobre o meu berço natal,
Se o teu disco ahi fluctua
Sobre o céu de Portugal,
Dize aos Serpas que lembrado,
Que saudoso, e namorado
As noites sinto fugir,
Lendo os soláos do primeiro,
Do outro o canto guerreiro,
Seu patrio, doce carpir.

XXIII.

Ao auctor da — Branca rosa —
Das Indiannas — dos meus,
Da — Ella — fresca e mimosa
Com que me disse um adeus,
— Leal — em horas caladas
Recordo as noites passadas,
De fantastico serão,
Onde os bardos portuguezes
Choravão tristes revezes,
Mostrando seu coração.

XXIX.

Dize ao Cunha que se eu quero
D'amor um canto soltar,
Mimoso, puro, sincero,
Vou seus carmes estudar;
Dize ao — Lima — que já creio,
Que já não tenho receio
De ver a patria affundir,
Que cheio de fé eu canto;
Meu Zaluar, secca o pranto
De teu funereo sentir.

XXX.

E tu, oh simples florinha,
Na minha terra a crescer,
E que aos sons da lyra minha
Tu casaste o teu soffrer,
Leio teus carmes singelos,
Escuto teus vôos bellos
Nascidos do coração,
E transponho o longo espaço
Para levar um meigo abraço
Ao joven — Pato Bulhão.

XXXI.

Poeta, que ahi sentado
Ousaste ao mundo fallar,
E do altivo Corcovado
Podeste a vista soltar !
Eu da Tijuca na fronte
Sentindo as aguas em monte
No teu paiz a crescer,
Vejo a terra onde hei nascido
Calar um longo gemido,
E de novo renascer !...

XXXII.

Tu rodeado d'amores,
Tu de saudades sem fim,
Tu mirando as tuas flores,
E teus campos de capim !
Eu t'o juro por minh'alma,
Por aquella triste palma
Do nosso Deus redemptor,
Que do Brazil a belleza,
Da minha terra a lindeza,
São esmeros do Senhor.

RIO DE JANEIRO, 3 DE FEVEREIRO DE 1849.



UMA FLOR.

Qual sorriso em labio d'anjo
Vi abrindo linda flor,
Pura neve de montanhas
Vi das folhas no candor.

O orvalho ao romper d'alva
No seio lhe foi chorar,
Fagueira briza da tarde
Foi-lhe o tronquinho embalar.

Ao pôr do sol a florinha
Tenho-a visto entristecer :
Sente a flor em seus mysterios,
Seu sentir sei compr'hender.

Alta noite a sós pensando
Vejo-a triste, sem abrigo !...
Oh tu sentes como eu sinto,
De noite vives comtigo.

A' flor alegre a aurora
Por que vê no campo a vida,
Quando a luz fôge dos campos
Parece estar commovida.

De noite vive comsigo!...
Com que hade ella viver ?!
Sente a flor em seus mysterios,
Seu sentir sei compr'hender.

O seu porvir mais risonho
E' o dia d'amanhã,
Quando ás sombras, quando á noite
Succede aurora loucã.

Então ella se diverte
A mirar-se na corrente
Do arroio que murmura
A seus pes languidamente.

Imbalada pela aragem
Na sua haste mimoza,
Mira-se em aguas de prata,
Sente-se mesmo fermoza.

Como é linda a flor do prado !
Innocente o seu viver !
Dôce encanto da minh'alma,
Mal haja quem te colher.



FRAGMENTO.

Oh virgem fermosa, escuta o meu canto:
E' puro, é sentido, é cheio d'amor;

Por ti o cantei!

Teu rosto fadou-me no mundo cantor,

Oh virgem fermoza, secca-me este pranto,

Por ti o chorei.

Meus ricos castellos, meu nobre thesouro,
Espada brioza do meu guerrear

A ti só darei;

Meus cantos singelos d'amante trovar,

Meus pagens valentes, meus bens e meu ouro

Sem ti perderei.

Est'alma que eu tenho ardendo d'amores,
E' tua p'ra sempre, fermosa Beatriz,
Por ti eu amei,
Sou rico, sou nobre, e vivo infeliz,
Do mundo as riquezas, dos prados as flores,
Sem ti deixarei.

Serás invejada de todas as bellas,
Terás sobre a fronte a c'roa real
Escravo serei,
D'amor minha crença, meu lindo ideal,
Canções que eu cantava, fermozas, singelas,
Por ti só cantei:
Minha alma é só tua, meus cantos te eu dei.



O SOLITARIO.

Elle era sò no mundo suspirando !
Ninguen ouvia seu carpir cançado,
Nem os echos dos montes, nem os mares,
Casavão com os seus gemidos tristes:
Dezerto era p'ra elle o mundo inteiro!
Solitaria palmeira a sós erguida
Lhe servia de abrigo em tardas horas.

Elle era só na terra suspirando !
Longe do seu amor, farto de turbas,
Via erguer-se a manhã risonha, e bella:
Longe da patria, sobre um serro estranho,
Olhava em derredor terras e mares,
Valles, e montes, grimpas solitarias,
E d'olhos fitos contemplava o mundo.

Elle era só na terra suspirando !
Amara ? com que amor ! Soffrerá ? sempre.
Mas o ardente sentir, seus soffrimentos,
Vo mundo revelar não costumava,
He sublime de mais p'ra labios de homem
Comprimido vulcão nos seios d'alma,
Que aos olhos ergue só a chamma etherea.

Elle era só na terra suspirando !
Se a briza da manhã corria triste
Por seu longo cabello ao vento dado,
As grossas veias de sua fronte joven,
Mais delgadas então lhe demonstravão
Um alivio do ceu: fechava os olhos,
E em leve somno repouzava um pouco.

E' acazo o dormir p'ra os desgraçados
Um completo descanso a soffrimentos ?..
Vinhão-lhe os sonhos maus pouzar na mente,
Vinha-lhe a mesma vida d'esta vida
Roer-lhe o coração de magoas tristes.
O futuro antevia em negros sonhos,
E dormindo ou velando suspirava.

Se á aura das florestas balouçavão
D'árvores colossaes ultimos ramos,
E um anjo, que elle vira em outros tempos
Rodeado de luz com véo translucido
Arrojo de belleza, e typo, e gloria,
Elle via brilhar em ledos sonhos: —
Acordava — illuzão — bradava em torno.

Se no alto do serro hia sentar-se,
Via as turbas passar sorrindo alegres,
Via os bosques com pejo d'occulta-las.
Alli quieto o mar molhando as praias,
Acolá de verdura alcatifados
Montes e plainos a fugir no espaço
Com fermoço matiz de lindas flores.

Quando os raios ardentes do sol alto
De scentelhas de luz o espaço enchião,
Hia encostar-se á sombra da palmeira,
Abraçava-lhe o tronco, erguia os olhos
Ao céu, como quem pede alli repouzo.
Cansado de viver, só não ouzava
Ter descrença no céu, na vida eterna.

Alma do solitario como é triste
A' noite, ao pé das aguas, que adelgação
No peito o coração d'amor ardendo !
Elle é só sobre o mundo como a barca
Sem guia, sem farol, entregue aos mares,
Ludibrio d'ondas, á mercê dos ventos,
Só, e triste, na terra suspirando !...



SAUDADES.

Quem me dera nos tempos d'outr'ora
Leda infancia passada sem fel,
E a cana inda verde colhida
Que eu julgava um fermozo corcel !

Quem me déra esse toque de sino
Do convento chamando á lição,
Quem me déra o folguedo innocente
Do baloiço em tardes de verão !

Quem me déra das horas passadas
D'outro tempo um minuto sequer,
Que alma joven votei neste mundo
Sentimento á primeira mulher !

Quem me déra sentir qual outr'ora
De minh'alma a primeira harmonia,
Quando ao som de meus versos primeiros
O meu peito inda joven batia!

Quem me déra no tempo de guerra
Sentir d'alva a requinta soar,
Ver Setubal da serra illevada
Junta ao Sado fermoza alvejar?

De tudo isto que resta ? uma cinza
Negra e triste fugindo no ar;
E um sonho d'esperança mentido,
Como todos, na mente a vagar !



COMO DORME !

1.

Como dorme !... que dezejo !...

Dou-lhe um beijo ?

E' loucura... Não lh'o dou.

Como dorme socegada,

Isolada,

Acorda-la !., não, não vou. —

II.

Seccas folhas tem por leito,
Salta o peito
De a ver tam bella ahi,
Tem nos labios um sorriso,...
Que paraizo
Sonhei nos labios que vi!

III.

Ella dorme !... vem aragem
Da folhagem
Suas faces refrescar ;
Ella dorme !.. vem as aves
Mais suaves
Seu dormir acalantar.

IV.

Ella dorme ! vem o rio
N'um desvio
Junto della refluir;

Como um anjo socegada,
 Isolada,
Como é dôce o seu dormir !...

V.

Ella dorme !.. como é bello
 O singelo,
O donozo trage seu,
Todo de linho nevado,
 Desatado,
Ondulante como um véu.

VI.

Linda mão tem sobre o peito,
 O seu leito
Range com seu respirar,
A outra vae indolente,
 Tristemente
Sobre as folhas repouzar.

VII.

Outras folhas se despegão
 E socegão
Sobre o seu corpo gentil ;

Os olhos tem-nos fechados,
Matizados
De veias de brando anil.

VIII.

O cabelo é todo louro,
Como o ouro
Derretido no crisol ;
A' sombra dos arvoredos,
Que tem medos,
Ciumes do mesmo sól.

IX.

Seu dormir é socegado,
Compassado
E' do peito o doce arfar ;
Do seu braço todo neve
Desce leve
Véu azul a ondular.

X.

Como dorme !.. Que dezejo !..
Dou-lhe um beijo ?
E' loucura ! Não lh'o dou.

Como dorme socegada,
 Isolada,
Acorda-la, não, não vou.

XI.

D'entre os labios n'um sorriso
 Lhe divizo
Alvos dentes a fulgir,
Uma voz entrecortada
 Inspirada
De seus labios vae sair.

XII.

E' um sonho, como é bello !..
 Meu anhelos ?
Louco é meu dezejar;
Meus delirios, meus amores,
 Nem ás flores
Em delirio ouzei contar.

XIII.

De seus labios um suspiro!..
 Eu deliro ?
D'alma o suspiro não sae ;

E se é d'alma longe vòã,
Vai atôã,
Doce alento correr vai,

XIV.

E' um sonho !.. Meus ouvidos
Presentidos
E' verdade ? Não será ?
O meu nome em labios della
Será ella !
Oh ! comigo sonhará !...

XV.

— « Eu te amo !. Que harmonia
— Que poezia !..
A voz della inda outra vez
« Ha trez dias leio amores
« Nessas flores
« De pouca dura talvez. »

XVI.

O seu braço torneado,
Descançado,
Véu azul foi afastar,

E no seio todo neve
Pouza leve
Folha secça a balouçar,

XVII.

O seu trage voluptuozo,
Preguiçozo,
Afastou seu lindo pé
Que belleza peregrina !
Que divina !
Que lindo typo não é.

XVIII.

Duvidoza côr d'aurora
Que discora
Em longes de carmezim,
Assim a meia de sêda
Sóbe leda
Do finissimo chapim.

XIX.

De joelhos te agradeço,
Não esqueço,
O teu sonho bem ouvi :

Estou louco, mas quizera,
Se eu podéra,
Occulta-lo até de ti.

XX.

Abrio os olhos ? pausadas
Socegadas
Vi-lhe as palpebras fugir !
E depois vi dormentes
Indolentes
Duas pestanas cahir.

XXI.

Inda dorme !.. Que desejo !..
Dou-lhe um beijo ?
Sou amado !.. não lh'o dou.
Dorme, dorme socegada,
Minh'amada
Acordar-te ? não, não vou !



A CAVEIRA.

**Quem te deixou sobre a terra
Triste craneo abandonado ?
Nas cumiadas da serra
De teus ossos despegado ?
Que serias tu na vida,
Oh caveira inegrecida ?...**

Foste um Rei ? na frente nobre
Pouzou-te a c'roa real.
De custozas lindas joias
Ingastadas em metal ?
Que serias tu na vida
Oh caveira inegrecida ?

Não, não foste!.. os Reis que morrem,
Tem soberbo mauzuléo,
E'ssa de negro veludo
Erguida como um trofeu.
Que serias tu na vida
Oh caveira inegrecida ?

Era negro do tempo o craneo antigo
Nú, perfeito, e a frente erguida e nobre ;
Os olhos muito fundos e sobre elles
Nas alturas ossaes sonhei um genio
Li em outras amor, sentir ardente:
Que serias na terra em quanto vivo ?..

Serias um triste descrido no mundo
Que só sobre um serro no mundo acabou ?
Verião os corvos nutrir-se em teu corpo
Nem alma, sem vida que a terra matou.

D'amante illudida serias um anjo
No mundo perdida, sem luz ou farol,
A pallida lua pouzou-te na fronte
Seccou-te teus prantos um raio de sol.

Que foste, que foste ? caveira isolada,
Zimborio d'um serro o mundo a mirar,
Tu'alma foi pura, na mente inspirada
Sentir d'alma ardente te veio pouzar.

Foste escravo d'alma livre
Que vicste aqui morrer,
Dezejozo d'outro mundo
P'ra mais escravo não ser ?
Que serias tu na vida
Oh caveira inegrecida ?

Foste um poeta, cantaste
Teus sonhos todos d'amor ?
Que as illuções te murcharão
Como nos campos a flor?
O que foste tu na vida,
Oh caveira inegrecida !

Foste poeta, o teu craneo
Inda tem inspiração,
Inda vives sobre um serro
A pasmar na solidão
Olhas inda o mundo em torno
Com tua muda expressão !

Foste um poeta, morreu-te
No mundo a crença tambem.
O teu craneo é uma lira
Onde o vento bater vem,
Aonde áragem suspira
Os suspiros que ella tem.

Foste um poeta, que as turbas
Por este serro a passar
Inda um rizo de sarcasmo
A' caveira vão mandar,
Quando o mundo invergonhado
Te devêra ahi olhar.

Poeta, tu nasces, tu cresces, tu morres
Sentindo, soffrendo, cantando d'amor,
O mundo desprezas, e o mundo importuno
Na tua passagem se vae interpôr.

Poeta, tu nascees cercado d'affectos,
Infante, já sentes da mãe o sorrir,
Embalão-te os cantos de trovas antigas
E tu adormeces em doce dormir.

Poeta, mal vives na vida um instante,
Luzinha inda debil no mundo a brilhar,
Tu pedes as trovas, e choras por ellas,
Tu dormes, tu vives ao som do trovar.

Poeta, tu cresces, e julgas na vida
A alma de todos á tua alma igual ;
E paira enganado, contente no mundo,
Feliz, illudido teu bello ideal.

Poeta, tu cresces e vês pouco a pouco
Perdidos sem tino teus echos em flor,
E vês sobre a terra a uma por uma
Illuzões mentidas em sonhos d'amor.

Poeta, tu morres, e cantas morrendo,
Tu és como o cisne no seu expirar ;
Teu canto ind'amores singelo, dorido
Te foge dess'alma no ultimo arfar.

Poeta, tu morres, ou vais sobre um serro
Do mundo e da vida as magoas matar,
E deixas os ossos sem honras, dispersos,
E o craneo isolado ao mundo a fallar.



O CANTO DO DONZEL.

I.

Entre todas a mais bella
Mais bella não tens rival,
Tu, fermoza Catalina
Soltando a falla divina
Por teus labios de coral.

II.

O Xenil rio fermozo
Viu-te em Granada brotar:
Festejou-te preguiçozo,
E fagueiro e bonaçozo
Aos pés te foi murmurar.

III.

Tu pareces sobre a terra
Um raio de luz do céu,
Quando na terra pensando
Suspiras de quando em quando
Quazi occulta em branco véu.

IV.

Tu és a perla de Hespanha,
E's a roza granadil,
Quando o teu corcel donoço
Do leve pesas orgulhoço
Corre as margens do Xenil.

V.

O sultão por ti trocára
Do seu serralho as houris,
Quando dos labios rozados
Os lindos dentes nevados
Tu mostras quando sorris.

VI.

A fé tu converterias
A raça toda d'Ismar,
Quando teus olhos escuros
Parecem marcar futuros
Com teu meigo e dõce olhar.

VII.

O O riente te déra
Todas as joias que tem,
Se te visse a negra trança,
Onde a briza se balança,
Correndo livre tambem.

VIII.

Por ti o Tasso deixara
Sua fermoza Leonor,
Se n'um sonho de ternura
Sonhasse tua figura,
Passando como um vapor.

IX.

Anibal fôra covarde,
Não fôra Nero cruel,
E o Arabe indolente,
Escravo de estranha gente,
Cedera o proprio corcel.

X.

Se escutasse n'um aneio
De teu peito o doce arfar
Entre as dobras do vestido
Na cintura comprimido
De tella da côr do mar.

XI.

O Impio teria crença,
Em ti veria seu Deus,
Se em tu'arpa dedilhando
Te sentisse suspirando,
Fermoza filha dos céus.

XII.

Pura e bella Catalina,
Que não fará teu donzel,
Se lhe das a mão de neve
P'ra subir risonha e leve
Ao dorso do teu corcel ?

XIII.

Se nos plainos e montanhas
A correr ao lado teu
De teus labios um sorriso
Lhe dà no mundo um paraizo
E ao mundo chama seu ?

XIV.

Bella filha das Hespanhas,
Que fará o trovador,
Ouvindo surgir nesta alma,
N'um sentir que não acalma
Uma palavra d'amor ?

XV.

E depois roçando o pejo
Por teu rosto de carmim,
Que farei então ouvindo
Desses teus labios sabindo
Um som d'amores, para mim ?

XVI.

Linda perla de Granada,
Que faria o donzel teu ?
Sua jura viu perdida,
Alma deu-te nesta vida,
E julgou o mundo seu.



O BOUDOIR.

As cazas das elegantes
Todas teem que dizer,
Cada uma o seu mysterio,
Se mysterios pode haver.

A saleta diz — espera !
Espera — quero pensar,
E a sala auritecida
De tellas a ondular,
De vazos de lindas cores
Sobre as mezas a brilhar,

Com espelhos adornada
P'ra tudo mais se estudar,
E o aroma das flores
Sobre as jarras a dobrar ;
Que diz a sala elegante
Que pode a sala contar ?

Alli sorrizos fingidos
Ha por costume sorrir
Fallas somente dos labios
Combinadas p'ra mentir,
Cortezias insaiadas
Ante um espelho a fulgir,
Desculpas muito pensadas,
E tudo couzas de rir;
Uma sala em curto espaço
E' o mundo e seu fingir.

Junto da sala elegante
Ha outra que quer dizer
Na singeleza dos moveis
Em tudo que fica a ver,
Menos fallas estudadas,
Menos fingir, mais querer.

E' a caza dos parentes
Onde se passa o serão,
Onde se dizem mil couzas,
Mil couzas ditas em vão;
Onde p'ra ler um romance
Gasta a dama todo o verão.

Em seu quarto de dormir
Não fallo, que nem eu sei;
Respeito todos os sonhos,
Se os souber, não os direi:
Se eu já vi mulher dormindo
Acorda-l'a não ouzei.

Junto ao quarto de repouzo
Ha um quarto de tocar,
Onde as grinaldas s'agetão
Sobre as fronte a pouzar,
Onde do baile cançada
Vem a dama descançar,
Soltando os longos cabellos
Que ha pouco mandou atar,
Deitando longe a grinalda
Que não pode suportar,
E a um vidro revelando
O que não quer revelar !...

Logo alli, eu bem divizo,
Um paraizo
Outro quarto quer dizer;
Das janellas
Cassas bellas
Ondulantes vem descer

As paredes são forradas
De cambraia e de setim
Com flores entrelaçadas
De verdura e de carmim.

Sobre as mezas elegantes
De marfim e de charão —
Entre perlas e brilhantes
De cristaes em multidão, —
Vê contente a bella dama
Em tudo recordação.


Linda dama neste quarto
Solitaria nunca é,
Os moveis tambem lhe fallão,
Falla-lhe tudo que vê ! —

Os espelhos a namorão
E ella vê em redor,
Um vestir sempre singelo,
Que julga estar-lhe melhor.

O divan é sempre lindo
Tem por costume vergar,
Quando em seu livro pegando,
Vae a dama suspirando,
Suas formas descansar.

Não é saleta nem sala,
Nem é quarto de dormir,
Nem fermoço toucador,
Nem é quarto de serão;

E' quarto que não s'igualá,
E' dado só ao sentir,
E' todo feito pr'a amor,
E' todo do coração.



EU.

I.

Eu ouvi um gemido prolongado
Correr de monte em monte, envolto em trevas,
Vi um raio de luz passar no espaço,
Momentaneo fugir; vi nas alturas
D'alvas roupas de tella auritecida.
A' meia noite, e só correr um anjo
E á terra descer p'ra vir salvar-me.

Era eu sobre a vida arbusto tenue
Dobrado á força de qualquer corrente,
Embalado no mundo a qualquer vento;
Do anjo desprezei o fallar meigo,
Da turba no bulcão, ergui meu còllo,
Bebi amargo fel em taça d'ouro,
Da orgia ao clarão queimeí meu rosto.

Corri louco no mundo, como o archanjo
Desprezado de Deus !.

Em braços impios
Gostava de mirar uns rostos lividos,
Ver uns longos cabellos desgrenhados
E pizados por noites não dormidas
Olhos e faces no pallôr da morte,
Ao pallido clarão de baças luzes.

Outra vez — eu o sei — em tardas horas
O meu somno afastou um som divino,
Qual mystica harmonia n'um convento
A sós erguido na soidão d'um serro;
Como notas d'um orgão a perder-se,
Era bello este som !.. pouzou-me n'alma
Uma dôr ! Nem eu sei... Mais nesta vida
Não a senti igual.

Deixei meu somno.

Acordei!.. a meu lado descançava
Uma bella mulher, em somno placido.
Seus cabellos escuros ondulavão
Soltos pelo lençol, como a torrente
Sobre o leito d'um rio despenhada.
Uns longes de carmim tinha nas faces
E compassado, e lento de seu peito
Vinha seu respirar n'um terno anseio.

Nas faces a queimei, ao som d'um beijo
Acordou, e p'ra mim abriu seus olhos
Tão tristes, de ternura tam sentidos !..
Pagou-me o beijo meu, uniu-me ao seio,
E as faces me regou de tristes prantos :
Chorei !.. Como marcado eu tenho n'alma
O meu triste e primeiro pranto joven !..

Eu pensei, eu pensei um momento !
Vi bem fundo um abysmo ante mim,
Vi um anjo a meu lado chorando !
Meus delirios devião ter fim.

Mas uma alma susceptivel;
Um sangue todo a ferver,
Peito, qual onda terrivel

Sobre as fragas a bater;
Uns poucos annos passados
Pelo mundo resvalados
Sem um momento pensar,
Um'alma que não cabia
Neste mundo em que vivia,
Sem um mundo lhe bastar !..

Somente intervallos
Aos loucos abalos
De curto durar
Lhe vem tristemente
Sobr'ardida mente
Correr e voar.

II.

Como vos adorei, sensações minhas,
Como, inda por meu mal de vós saúdozo
Nesta vida de gello eu passo triste ?
Sem sentir, sem amar, que vale ao homem
Neste mundo viver ?...

Sorrir sem tino
Passar os dias só, involto em ouro ?..
Não, minhas sensações, inda vos amo,

Inda nos sonhos meus, me rola sempre
O tempo que passei; vi a meus olhos
Quantos delirios ha, ← quantos, pensa-l'os
Póde d'um louco vate a mente doida!
Dos festins infernaes sentei-me á meza,
Ri tambem com um rizo de demonio,
Embragado de prazer mundano.

Depois eu descancei arrependido,
Mas não sei que vazio d'entro d'alma
Falto de sensações me comprimia !..
Nos meus braços depois — candidas bella
Vi sorrindo a mentir em fallar meigo
As mulheres que amei !

Foi-me a ventura
Veloz exalação no céu fugindo !
Eden de sensação gozei por pouco,
Torrentes de prazer em braços languídos.
Vivi.. vida de mais p'ra corpo de homem,

E á terra meu anjo baixando
Alta noite me vinha dizer:
Oh não vivas assim, que me matas,
Por que eu choro, desejo morrer !...

O meu anjo era tam puro,
O meu anjo era tam bom !
Apontava-me o futuro
Sua voz tinha tal som !
Meu anjo não descansava
Noites e dias velava,
E chorando elle cantava
Trovas sentidas por mim;
E depois vinha affagar-me,
As faces vinha a beijar-me,
Em meus sonhos embalar-me
Com sua mão de marfim —

Dormi embalado,
Dormi socegado,
Então descancei.
O mundo cuspiu-me,
De mófa surriu-me,
Meu anjo deixei.

III.

Oh que delirio então tomou minh'alma!
Fui sentar-me depois á lauta meza
Dos maldictos festins; olhei em torno,

Insultei meus irmãos, lutei com elles
E em revolto brigar busquei a morte:
Por vezes a olhei, sorri p'ra ella,
Mas a morte não quiz arrebatá-me.

Só, em fragil batel, no mar cavado,
Vi meu lenho quebrado, e sobr'as ondas
Voguei, e vim á praia, vivo ainda!
Entre chammaas corri, por entre o fogo,
Sobre uma trave só quazi partida
Uma virgem olhei — salvei-a — ao cóllo
Circumdado de fumo e labaredas —
Passei a escada entre listões de fogo,
E á virgem fermoza eu dei a vida !

Quanto vale medonho e serra altiva
Na minha patria ha, passei-oz todos,
Só, inerme, sorrindo, sem temores,
E nem por leve acazo vi um perigo !

Oh Deus, Deus de bondade, ouvi meu canto
Verdadeiro, tam meu, nascido d'alma;
Vós sabeis tudo, tudo neste mundo
Conhecido vos é ! Meus Deus, ouvi-me!

Inimigo de mim, aos outros nunca
Pensei em fazer mal, nunca dos outros
Olhei, sorrindo alegre, um triste pranto;
Os que eu pude sequei, nunca ao meu carro,
De damnados corceis preendi um triste.

Uma noite descansava
Do meu cansado viver,
Uma trombeta soava
Echo em montes a perder.
Era além na minha terra
Um brado ingente de guerra,
Que escutava sem querer;
E minh'alma me dizia,
Que nessa guerra devia
Tambem meu sangue verter.

IV.

Corri á peleja, corri ás fadigas,
Zombei das bombardas, passando por mim,
Dormi sobre as pedras ao som de mil balas
Silvando e correndo por campos sem fim.

Vi morrer meus irmãos, vi entre o fumo
As esperanças do solo Luzitano,
Quaes féros tigres a luctar indomitos,
Vi o sangue correr de veias jovens.

Sobre o campo passei, vi meus amigos,
Inda ha pouco louçãos, alegres todos,
Sobre os campos, sem vida, ensanguentados,
E não chorei!.. negado era a meus olhos
Esse pranto vulgar, de dor mesquinha.
Chorei depois, confesso — de vergonha
Que o Luzo gladio, não se entrega inteiro
A quem Luzo não é, nem pode sê-lo:
E não o entreguei eu: — com gloria o digo.

Depois de tudo passado,
Meu anjo de novo vi,
Que m'olhava namorado,
Sorrindo alegre p'ra mim.
E me disse: —nesta terra
Onde a gente te faz guerra,
Neste pelago profundo,
P'ra que teimas tu viver?
Vae buscar um novo mundo
Que eu lá vou contigo ter!...

V.

No livro d'esta alma soltei derradeiro
Em canto singelo meu hymno de dor,
Qual o cysne á beira do rio que passa
Vê morta sua alma da vida na flor.

E' meu canto sentido o mesmo sempre,
Queixas vãs de um soffrer que me devora ;
Dos labios — ironia — é meu sorriso
Minha alma soffre sempre, sempre chora.

Tem minh'harpa trez cordas sentidas:
Uma é crença,— eu creio em meu Deus,
Outra espr'ança,— espero na vida,
Outra amor dos meus sonhos tão meus.

A primeira por trez vezes
Quazi quebrada senti,
Quando cansado do mundo,
Do meu Deus até descri.

A corda segunda
Um dia estalou,
Que a ideia da morte
Na mente passou.

A terceira
Com fervor,
Sempre, sempre,
Disse — amor.

E' longe da patria que eu deixo meu canto,
Que a vida que eu tive ouzei-a dizer!
Não zombem do triste, respeitem-lhe os dores
E o pranto gelado que vêm correr.

Não, não zombem de mim ! quando fermoza
Em longes de carmim desponta aurora
Esbatida no ceu em cem mil cores.
Eu largo os olhos meus a correr mundos
Na branda côr do céu sonho venturas,
Na minha louca ideia vaga esp'rança
Vem pouzar, arrancando-me um suspiro,
Que vem do coração passar aos labios.

Nas tardes de meigo estio,
Quando o sol vae sobre o mar
Com seu manto de mil luzes
Paizagens a formar;

Melancolica saudade
Vem roer-me o coração,
Nessa hora mysterioza
Toda encanto e solidão.

A noite deliro
N'um triste suspiro
E a lua n'um giro
Eu vejo correr !

Então eu lembrado
Do tempo passado,
Da vida cançado,
Dezejo morrer: —

A morte
Passando,
Roçando,
Por mim,

— 216 —

Aos dias
Do triste
Não ouza
Pôr fim !...

Gloria, 20 de Fevereiro de 1849.

FIM.



INDICE.

| | |
|---------------------------------------|----|
| Carta do Autor ao poeta brasileiro A. | |
| Gonçalves Dias. | v |
| Resposta. | xv |

| | |
|-------------------------|----|
| Introdução | i |
| As duas flores | 7 |
| Uma borboleta | 10 |
| Dous espectros | 12 |
| A minha saudade | 15 |
| Então não quero brincar | 18 |
| Eu sei ? | 21 |
| Dezengano | 24 |
| Do que eu gosto | 28 |
| Duas estrellas | 31 |
| O poeta e o Rei | 32 |
| N'um album | 44 |
| Pergunta | 46 |
| A' R. B. Pato | 48 |
| Se córas, não conto | 50 |
| Minha Laura | 53 |
| Alfinete preto | 56 |
| Aos seus annos | 59 |
| Tu pareces | 61 |

| | |
|---------------------------------|-----|
| O meu ramo | 64 |
| Os meus dezejões | 70 |
| A morte | 72 |
| O meu segredo | 74 |
| A minha viagem | 76 |
| O canto do pescador | 87 |
| N'um album | 93 |
| A' sombra da mangueira | 98 |
| A minha muza | 101 |
| <i>Natus est Jesus</i> | 105 |
| Portugal | 111 |
| Ja passou! | 118 |
| Romance do Drama o Conde Miguel | 122 |
| Chamma d'amor | 127 |
| Maripoza | 136 |
| A Senhora e o pagem | 139 |
| A minha flor | 145 |
| Maria | 148 |
| Uma noite na Tijuca | 151 |
| Uma flor | 168 |
| O solitario | 173 |
| Saudades | 177 |
| Como dorme! | 179 |
| A caveira | 187 |
| O canto do donzel | 193 |
| O Boudoir | 199 |
| Eu | 204 |

ERRATAS.

| ERROS. | EMENDAS. | PAG. | VERS. |
|-------------------------|-----------------------|------|-------|
| brilhar | pouzar | 28 | 12 |
| a sepulta-se | a sepultar-se | 149 | 2 |
| Tu | Eu | 167 | 2 |
| Vo | Ao | 174 | 4 |
| E'ssa | Eça | 188 | 9 |
| pesas | peso | 194 | 9 |
| De tella da côr do mar. | Detella da côr do mar | 196 | 10 |
| s'agetão | s'ageitão | 291 | 15 |



Vende-se nas lojas dos Srs. E. e H.
Laeminert, Rua da Quitanda n.º 77;
e na do Sr. Paulo Brito, Praça da
Constituição n.º 64.

B.M. 1070



